

(Oeiras)^a ler

histórias de vida

EDIÇÃO MUNICIPAL

FICHA TÉCNICA

Concepção e coordenação do projecto; entrevistas e edição: **Ana Isabel Santos** | DBDI | CMO

Apoio logístico e anotações: **Maria João Moreno** | DBDI | CMO

Capa: Amadeo de Souza-Cardoso: A casita clara – paisagem, óleo sobre tela 30,5 x 40,5, 1915

Desenhos: **Aurélio Figueiredo** | DBDI | CMO

Fotografias: **António Passaporte** - Arquivo CMO

Paginação: **Susana Ferreira** | CMO | Núcleo Criativo

Fotografias dos participantes*: **Carlos Santos** | GC | CMO

**Com excepção das fotografias de Aline Bettencourt, Helena Abreu, Francisco Madeira Luís e Salete Cerqueira.*



O projecto Histórias de Vida desenvolvido pelas Bibliotecas Municipais de Oeiras vem dar continuidade, numa abordagem nova, ao trabalho que, ao longo dos anos, a Câmara Municipal de Oeiras tem vindo a desenvolver em prol da preservação e revitalização da memória colectiva e do conhecimento da história local.

Histórias de Vida é um projecto que tem as pessoas como protagonistas.


Vive do envolvimento das pessoas, da escuta e da partilha das suas histórias, dos seus percursos.

Vive do entrosamento dessas histórias com o tempo e os lugares por onde cada um(a) andou, onde viveu.

Por isso mesmo é, por excelência, um projecto da e para a comunidade.

É esse o grande potencial de um projecto que cruza o individual e o colectivo, através da narrativa, que é sempre a (re)leitura de um percurso, o caminho para a construção de uma identidade, não apenas a de cada um mas também a de um lugar, de uma comunidade.

O livro que agora se publica representa, em primeiro lugar, uma homenagem a todos os participantes neste projecto mas é também – e sobretudo - um convite à participação activa de toda a comunidade na preservação e na construção da sua própria história.

O Presidente

Paulo Vistas

“Todas as pessoas têm um papel na sua comunidade, ouvir as suas histórias é uma forma de promover a integração pessoal e social, é uma forma de promover a identidade e memória colectiva.”

Causa defendida nas Comemorações do Dia Internacional das Histórias de Vida (16 de Maio)

O projeto *Histórias de Vida* nasceu com o objectivo de experimentar, de forma regular e continuada, um trabalho de recolha e registo de histórias de vida de pessoas nascidas antes de 1955. Trata-se de uma frente de trabalho que se propõe contribuir para reforçar a envolvimento da comunidade com a biblioteca pública e dar novos rumos à aposta que as bibliotecas municipais têm realizado na área da tradição oral e da revitalização da memória coletiva, um dos vetores cada vez mais assumido como sendo crucial e determinante para o desenvolvimento das literacias. Por outro lado, trata-se de ir ao encontro de um segmento de público que vem crescendo em número e para o qual urge encontrar formas inovadoras de promover a participação cidadã, a envolvimento com a comunidade, as dinâmicas de grupo, o combate à solidão.

O Manifesto da UNESCO reconhece a importância central das Bibliotecas Públicas na criação de condições favoráveis à aprendizagem ao longo da vida, à possibilidade de um criativo desenvolvimento pessoal e ao apoio à tradição oral e inscreve como traço essencial da missão das bibliotecas públicas as suas funções social, cultural e educativa. Ser *a porta local de acesso ao conhecimento, à cultura, à educação* é, por isso mesmo, fazer da biblioteca pública um lugar privilegiado de encontro da comunidade, proporcionando programas e atividades que correspondam aos interesses das pessoas e promovam, através da interação e do diálogo, uma experiência social enriquecedora e positiva.

Desde a Escola dos *Annales* e do nascimento da Nova História que assistimos à progressiva valorização das fontes orais como importantes recursos de memória social. Hoje em dia, as histórias de vida são um instrumento metodológico relevante nas Ciências Sociais. De facto, as histórias de vida permitem-nos captar “ *o que escapa às estatísticas, às regularidades objetivas dominantes e aos determinismos macrosociológicos, tornando acessível o particular, o marginal, as ruturas, os interstícios e os equívocos, elementos fundamentais da realidade social, que explicam por que é não existe apenas reprodução, e reconhecendo, ao mesmo tempo, valor sociológico no saber individual.*” (Brandão, 2007: 10)¹

Para além deste valor sociológico, que reforça o importante papel da biblioteca pública no apoio à história e à cultura locais, as histórias de vida, a sua narração, permitem a reconstituição das vivências de cada um e a reconstrução da vida como texto, como narrativa, implicando o recurso à memória, potenciando a ‘leitura’ em perspectiva do ‘meu’ percurso, abrindo portas ao auto-conhecimento, à partilha e à descoberta de

¹ Brandão, Ana (2007). *Entre a vida vivida e a vida contada: A história de vida como material primário de investigação sociológica*. Braga: Centro de Investigação em Ciências Sociais, Universidade do Minho.

emoções, de sentimentos, contribuindo para reforçar positivamente a identidade de cada um.

Um projecto de recolha e registo de histórias de vida tem, à partida, as pessoas como protagonistas. Vive do envolvimento das pessoas que nele participam, partilhando os seus percursos, as suas memórias, cruzando-os com a história dos lugares onde habitaram, por onde andaram e com os acontecimentos que viveram.

O mais importante para as pessoas que nele participam é o tempo do *enquanto*, o próprio processo, não obstante a importância dos registos, quer como factor de motivação para os narradores, quer pela preservação e revivificação da memória individual e coletiva e do contributo que esta pode representar para o enriquecimento das fontes da história local.

Passaram pelo projecto 16 pessoas e nele participaram regularmente 6 pessoas.

Para os participantes do projecto, esta foi uma experiência pessoal e social nova, rica e estimulante. E um passaporte para outras dinâmicas que começaram a desenhar-se nas últimas sessões, como seja a de dar continuidade ao trabalho de recolha de registos de histórias de vida, assumindo o grupo a responsabilidade de seleccionar as pessoas e de as entrevistar, com base em temáticas relevantes para a história local. Para o início desta nova fase de trabalho, foi escolhido o tema das *Cheias de 1967* e tem sido realizado um trabalho de recolha de depoimentos e pesquisa exaustiva em várias fontes.

De registar ainda o contacto frutuoso com a Casa de Repouso da Marginal, numa primeira instância através da animadora sócio-cultural Diana Matos, que identificou alguns utentes para a participação no projeto e do qual veio a resultar a criação de uma biblioteca na Casa de Repouso, inaugurada em Junho de 2015.

O que se apresenta neste pequeno livro são apenas momentos *fotográficos* desse processo de entrevistas e diálogos, composto por 18 sessões, distribuídas quinzenalmente, entre Setembro de 2014 e Junho de 2015, num total de mais de 50 horas e centenas de páginas transcritas de muitas histórias e conversas.

Este pequeno livro é apenas um dos registos destas histórias de vida e uma homenagem aos seus protagonistas. Outros registos virão, procurando aliar as potencialidades tecnológicas e o recurso ao digital como forma de ampliar a divulgação do projecto e diversificar a sua abordagem, com recurso às linguagens multimédia.

Momentos *fotográficos*, luzes, janelas abertas nas histórias de vida da Amélia Teixeira, da Ana Paula Torres, da Clotilde Moreira, da Helena Abreu, da Maria Sam Pedro e do Paulo Gameiro e também da Aline Bettencourt, do Aurélio Figueiredo, do Francisco Madeira Luís, da Manuela Carvalho, da Salete Cerqueira, que estiveram menos tempo connosco mas cujo contributo enriqueceu este projecto de forma inestimável.

A todos eles o nosso muito obrigada.

Pela confiança, pela partilha, pelas histórias, pela aprendizagem.

Pela verdade e pela beleza da vossas *histórias de vida*.

“(...) Cada um de nós tem uma história de vida, uma narrativa interna cuja continuidade e essência é a nossa vida. Pode-se dizer que cada pessoa constrói e vive uma “narrativa”, e que essa narrativa é ela própria, é a sua identidade. (...) Cada pessoa é uma narrativa única que é contínua e inconscientemente construída por cada um de nós através de cada um de nós, das nossas percepções, sensações, pensamentos, ações e também do discurso, da narrativa oral. Biológica e psicologicamente não somos assim tão diferentes uns dos outros; historicamente, como narrativas, cada um de nós é um ser único. (...)”

SACKS, Oliver – *O homem que confundiu a mulher com um chapéu*. Lisboa: Relógio de Água, 1985.

“Tenho de saber quem sou. E quem sou é uma coisa interminável.”

COELHO, Alexandra Lucas in jornal Público – Revista Ípsilon. Entrevista conduzida por Paulo Moura: 4/4/2015.

“Fisicamente, habitamos um espaço, mas, sentimentalmente, somos habitados por uma memória. Memória que é a de um espaço e de um tempo, memória no interior da qual vivemos, como uma ilha entre dois mares: um que dizemos passado, outro que dizemos futuro. Podemos navegar no mar do passado próximo graças à memória pessoal que conservou a lembrança das suas rotas, mas para navegar no mar do passado remoto teremos de usar as memórias que o tempo acumulou, as memórias de um espaço continuamente transformado, tão fugidio como o próprio tempo. (...) O que sabemos dos lugares é coincidirmos com eles durante um certo tempo no espaço que são. O lugar estava ali, a pessoa apareceu, depois a pessoa partiu, o lugar continuou, o lugar tinha feito a pessoa, a pessoa havia transformado o lugar.”

Saramago, José – *O Caderno*. Lisboa: Editorial Caminho, 2009.

Histórias da infância

*“ (...)Menino: queres ser meu mestre?
- Deixa o teu arco aí. Vem-me ensinar
a sorrir e a confiar;
a ter esperança e a perdoar;
a esquecer e a chorar...”*

*Menino, que brincas no jardim:
- Tu sim,
podias ser um mestre para mim!”*

Carlos Queirós – Canção Inocente

“A infância é a época da minha vida mais difícil...”

“Creio que, geralmente, as pessoas têm facilidade em falar da infância e recordam-na como uma época marcada por aspectos muito positivos. Comigo é exatamente ao contrário...”

Eu nasci na Beira, Moçambique, e vivi na Beira até aos 7 anos mas as recordações que tenho dessa época são quase nulas. É como se o meu cérebro tivesse apagado tudo o que aconteceu naquela altura. Eu vivi em casa dos meus avós e aquilo que o meu cérebro pequenino imagina é que era uma casa enorme numa avenida enorme. As únicas referências de que me recordo são estas: uma casa grande, com toda a família lá dentro e com animais e com vários empregados africanos.

Quando vejo os álbuns de fotografias tudo aquilo espelha uma grande felicidade. Eu andava muito bem vestida, muito bem penteada mas a verdade é que eu não recordo, não tenho qualquer tipo de memória dessa época, a não ser assim algumas coisas soltas e sobretudo sonhos que eu não sei se foram sonhos sonhados na época ou se foram sonhos aos quais as memórias foram acrescentando coisas. A minha mãe morreu tinha eu 5 anos e isto foi uma coisa completamente dramática e traumática. Penso que o meu cérebro me protegeu fazendo-me esquecer tudo, o que também veio a criar problemas porque a ignorância das coisas também não ajuda. Mas pronto, isso aconteceu. Eu fiquei em casa até aos 7 anos. Não fui para a escola nem para lado nenhum porque a minha avó, consciente de que a vida iria mudar, portanto, que eu deixaria de estar presente com a família materna, pediu ao meu pai para eu ficar em casa até aos 7 anos e não ir à escola e isso aconteceu.

Depois o meu pai, que era funcionário público, vem em licença graciosa a Lisboa – na altura era assim que se dizia – e eu fui para casa dos meus avós, ali na zona do Areeiro. A experiência traumática continuou porque eu vivia completamente aterrorizada com medo que o meu pai morresse e isso era uma coisa que os meus avós não compreendiam.

Andava permanentemente atrás do meu pai. O meu pai ia para a casa de banho e eu ficava à porta. Acordava de noite e ia ver se ele estava vivo enquanto ele estava deitado e os meus avós – a minha avó, sobretudo... – nunca compreenderam muito bem isso. Eu vejo as fotografias tiradas cá em Portugal até aos 6, 7 anos e não há felicidade nenhuma na minha cara nem na cara do meu pai. É perfeitamente visível.

O meu pai, entretanto, casou e eu gostava bastante da pessoa com quem ele casou. Depois nasceu um irmão e fomos outra vez para Moçambique, fomos para Lourenço Marques.

Não cheguei a estar um ano em Portugal. Cheguei a Lourenço Marques com 7 anos e, aí começou a felicidade ou, pelo menos, a consciência do que isso podia ser. Eu vivia numa zona bonita de Lourenço Marques. Fui para um colégio, que era um colégio de freiras, o colégio do Barroso (António Barroso). Geralmente as pessoas detestam as experiências nas escolas de freiras mas eu adorei. Aquelas freiras eram muito arejadas de cabeça e nós tínhamos muita liberdade de circulação. Aí recordo-me do espaço, que na minha cabeça era enorme...Eu voltei lá depois com 18 anos e, afinal, era pequenino. Era o espaço dos baloiços, das argolas do trapézio, que nunca vi cá em escola nenhuma. Eu adorava andar ali. Ia a pé para a escola, havia uma grande liberdade de movimentos. Tinha um grupo de amigos. Recordo-me do pequeno-almoço, que era um bife. Não tinha acompanhamento mas era um bife. Foram sempre memórias felizes dos 7 anos até aos meus 10 anos, até acabar a 4ª classe. Entretanto também surgiu aí aquilo que eu acho que foi o início da minha consciência social e da diferença do tratamento das pessoas porque em África havia muitos criados. Mesmo um funcionário normal, como era o meu pai. Nós tínhamos um mainato, que era o que tratava das roupas e tínhamos depois uma empregada cuja única função era olhar pelo meu irmão, tratar do meu irmão enquanto ele não ia à escola. E havia coisas que já altura me faziam muita confusão. Fazia-me confusão que nós dormíssemos nas nossas camas e que a rapariga dormisse numa esteira ao pé da cama, no chão. Isso era argumentado. É assim que eles dormem nas cubatas, portanto é assim que eles gostam de dormir...Fazia-me impressão nós termos um tipo de alimentação e o Fernando, que era o mainato, o cozinheiro, ter uma alimentação diferente, feita de uma massa branca, agora já nem sei o que aquilo era, e não comer dentro da cozinha, ir comer para a escadaria fora de casa. Diziam: "Mas é isto que eles gostam de comer, se comerem a nossa comida não gostam..." São coisas que, a pouco e pouco, foram entrando e deixando algumas marcas... E depois, como o meu pai estava indeciso entre ir para Portugal ou passar mais um ano em África, eu vim para casa dos meus avós, onde já tinha estado quando era pequena, no Areeiro. Vim eu e depois mais tarde vieram os meus primos. Os meus primos tinham 14 e 15 anos e foi completamente terrível para eles a adaptação a Portugal... A minha prima não podia ir a uma caixa de correio sem que a avó fosse atrás. Tinham medo de tudo. Eu tive a felicidade de ter 10 anos. Aos 10 anos esses perigos da adolescência ainda estão um bocadinho longe... Eu tinha a permissão de ir a pé ou de autocarro, daqueles de 2 andares, que ainda havia, para o Liceu Rainha D. Leonor, que era ali na Av. De Roma.

Vim em 65. O primeiro ano que cá cheguei chumbei logo porque estava sem os pais ... fazia mais ou menos o que queria, não estudava nada... Fiquei muito feliz quando eles chegaram...claro que as coisas depois modificaram-se... Eu adorava também o liceu porque gostava muito dos jogos de ping-pong e também guardo recordações felizes dessa época. Quando o meu pai e a minha madrasta vieram foram viver ali para junto

dos meus avós, na zona do Areeiro e eu fui viver com eles. Depois do liceu passei para um colégio. As coisas foram correndo mais ou menos bem. A entrada na adolescência cria sempre outros problemas... “ (Ana Paula Torres)

“Vivia numa avenida que ia das vacas e dos campos até ao mar...”

“Eu sou uma intermitente do Concelho... Vivi aqui até aos 5 anos e depois fui para Coimbra, até aos 13,14. Depois vim para Algés, de novo e vivi em Algés até me casar. A seguir fui para Inglaterra e vivi lá durante 5 anos. Depois vim de novo para cá, para Algés...

Portanto, Algés é sempre o sítio onde eu volto... Depois vivi sempre em Algés, excepto os 8 anos que vivi em Florença. Eu nasci em Coimbra porque a minha avó estava lá mas vim logo para aqui. Vivíamos aqui no cimo da Av. dos Combatentes, no último prédio. Na altura era o último prédio e ainda lá está... E ainda me lembro que a Av. dos Combatentes acabava com duas fileiras de arame farpado e depois era vacas e campo. E ainda me lembro muito bem de ter um balão que rebentou nesse arame farpado. A Av. dos Combatentes era uma avenida que ia das vacas e dos campos até ao mar...era tudo aberto...Era uma avenida bonita.



Por que é que os meus pais vieram viver para Algés? O meu pai é alentejano, é de Elvas e a minha mãe é de Coimbra. O meu pai tuberculizou. Depois foi para o Caramulo. E depois, quando se curou, arranjou um emprego em part-time porque havia uma lei que protegia os tuberculosos aqui algures no plano da vinha ou na Junta da vinha e creio que alugaram esta casa no cimo da Av dos Combatentes por ser a mais barata de todas. Ele vinha de eléctrico e tinha de galgar a avenida toda, o que para uma pessoa que tinha acabado de sair do Caramulo não era assim muito fácil... Passei aqui os primeiros anos da minha vida, em casa – não havia creches – e ainda me lembro de muita coisa... Nasceu cá o meu irmão. E quando lá passo ainda me lembro do quintal da porteira, da filha da porteira, de uma boneca que eu tinha que era metade branca e metade preta... das músicas brasileiras do Algés e Dafundo, do Algés e Dafundo num dia de festa a tocarem um samba brasileiro...das natações, dos saltos, da piscina... Lembro-me do Nifo da Farmácia, o bisavô do actual Nifo... lembro-me ainda dele, sentado numa cadeira de vime, muito gordo... o meu pai conversava imenso com ele...ficavam horas a conversar e eu ficava a ouvir. Lembro-me do Alberto das manteigas, que foi quem fundou depois a Zínia...Tinha uma manteigaria lá em cima na avenida e eu creio que a minha mãe lhe pedia dinheiro emprestado quando o dinheiro não chegava até ao fim do mês. Acho que ele emprestava dinheiro para cobrir o fim do mês. Aquilo eram tempos muito duros. Estávamos no pós-guerra...ainda havia racionamento, embora lá em casa não houvesse grandes problemas porque o meu pai, tendo sido tuberculoso, tinha mais senhas que as outras pessoas...mas o dinheiro era muito apertado... Há coisas que não me lembro, são coisas de ouvir dizer... Esta história da minha mãe pedir dinheiro ao Alberto das manteigas devo ter ouvido mais tarde... **(Helena Abreu)**

“Entre o Carregado, Lumiar e Serpins...”

Eu nasci em Lisboa, por acaso, talvez porque os meus pais casaram...O meu pai já vivia em Lisboa desde que acabou a tropa. A minha mãe veio para Lisboa imediatamente a seguir ao dia em que se casou. Toda a minha família, da parte de pai e mãe, é do Concelho da Lousã, mais propriamente de Serpins. Pai, mãe, avós... e penso que até os meus bisavós, toda a gente era da mesma freguesia. Os meus pais moravam na Rua da Atalaia. Eu nasci na Maternidade Alfredo da Costa. Depois, quando eu tinha 6 meses vieram morar para a Rua José Estevão, ao pé do Jardim Constantino. E eu daí já tenho memórias. Lembro-me perfeitamente de como era a casa toda e das pessoas que lá viviam. Os meus pais não alugaram a casa completa porque a vida era bastante difícil em 1951. Lembro-me da Junta do Distrito que havia em frente, da Padaria do Sr. Vítor, que me chamava chalupa de cada vez que eu lá ia... da Passos Manuel, da Igreja de Arroios, daquela zona toda. Aos meus 5 anos e meio, o meu pai estabeleceu-se e passou a ser

empregado por conta própria e fomos viver para o Carregado. O Carregado naquela altura era Ribatejo. Não é como é agora um dormitório de Lisboa. As minhas grandes referências são do Carregado. Foi aí que eu fiz a 1ª classe, foi aí que fiz a 1ª comunhão. Depois andei um bocado a saltar. Fiz a 1ª classe no Carregado e a a 2ª na Rua Actor Vale, ao pé da Fonte Luminosa. Fiz a outra metade ao pé da Charneca do Lumiar e voltei a fazer a 3ª no Carregado. O meu pai tinha sociedades e estava um ano em cada lado. Tive uma infância feliz... uma infância perfeitamente à vontade.

Passei a infância entre o Carregado, o Lumiar e Serpins, onde passava grandes temporadas. Ia lá passar as férias todas. Filha única e neta mais velha do meu avô que teve 14 netos, tenho tantas referências do campo como tenho de Lisboa e do Ribatejo.

Eu levava a vida atrás do meu avô. Ele era lavrador e eu fazia tudo o que ele fazia... Eu ainda conheci a minha bisavó, o meu avô era o mais velho, a minha mãe a mais velha, eu a mais velha, depois o meu filho também... assim uma linha de primogénitos. Eu ia com o meu avô e perguntavam-lhe “É a sua neta?” E ele dizia sempre: “É, é! Se precisar de duas e levar esta, fica bem servida!” Eu ia atrás dele: ‘Quero fazer isto, quero fazer aquilo!’ E ele dizia: ‘Está bem... O trabalho do menino é pouco mas quem o perde é louco!’ E eu ia... E quando não chovia, eu ia para um sítio onde ele tinha as alfaias todas - ainda hoje eu sei o nome daquilo tudo – e perguntava ‘o que é isto? Para que é que serve?’ ‘O que é aquilo, para que é que serve?’ Eu sabia o nome das enxadas, dos alviões, das chaças, dos ancinhos, de tudo... e ainda hoje sei porque fui sempre muito curiosa...

Brinquei muito... quando chegava a Serpins eu jogava a tudo... jogava ao bilhar, jogava ao prego. E a pior coisa que me podiam era ‘Não és capaz de fazer isto!’ A partir daí... eu só não me matei porque não calhou... Fazia os maiores disparates! O meu avô tinha um poço enorme...era uma poça, não era um poço...ela só recolhia água do Inverno e ficava ali até ao princípio do Verão armazenada... Uma vez o meu primo disse-me: ‘Não és capaz de te pendurar naquilo e de baloiçar por cima da poça’ Claro que baloicei... E apanhar depois o chão do lado de trás? Foi a primeira vez que eu vi o meu avô dar uma lambada num neto...Porque ele estava a perceber que eu já não conseguia sair dali... Sempre fui um bocado rebelde... Mesmo na escola. Por exemplo, a professora perguntava pelas províncias de Angola e de Moçambique e se a turma não respondia obrigava-nos a escrever não sei quantas vezes e quem não escrevesse levava cinco reguadas. As reguadas estavam-me reservadas porque se eu sabia por que é que havia de estar a perder uma tarde a escrever aquilo? Para mim as reguadas era o que tinha menos importância. Uma tarde de brincadeira era muito mais importante! Não escrevia mesmo! Porque não admitia... Se eu sabia por que é que ela tinha de levar todos pela mesma medida?” **(Maria Amélia Teixeira)**

“Vamos ver quem é que corre mais!”

Chamo-me Maria Sam Pedro e nasci no Crato, distrito de Portalegre. Só lá estive 4 anos e não me recordo absolutamente nada. Disseram-me que um vizinho que era cego teve um acidente e ficou colado a um poste de eletricidade e eu fui a correr ter com ele e ficámos lá os dois, até que veio alguém e desligou a luz...portanto, é só o que me recordo do Crato.

A seguir fui para Gafte. A minha pronúncia é de Gafte, uma zona ali próxima do Crato, distrito de Portalegre, que agora é muito famosa pelos queijos, queijo de Niza, aqueles queijos que têm um cheiro muito forte mas que são muito bons. Aí foi a minha infância. Foi uma infância bem divertida porque jogávamos ao mata, à macaca, corríamos... vamos ver quem é que corre mais, vamos ver quem é que atira a pedra mais longe... Explorava com as amigas todos os passos possíveis, saltar ribeiros, subir às árvores.... Foi uma infância no campo. Escola primária normal... No 1º e 2º anos quem ensinou foi o Padre e a seguir fui para Portalegre. Fiz exame da 4ª classe e depois fui para o liceu e começou a adolescência.

Lembro-me dos bailes, em Gafte e em Alpalhão, que é a 7 Km de Gafte. Havia rapazes que iam aos bailes a Gafte mas os de Alpalhão não iam... Havia rivalidades... Os rapazes usavam um lençinho para não sujar a roupa porque se suava muito. Lá em Gafte, em Alpalhão e em Niza há aqueles fatos muito bonitos com aplicações de feltro em cima e os lenços também...a roupa é muito bonita. Dançávamos e era uma festa lindíssima. Em Alpalhão havia mais festas do que em Gafte. Nós acabávamos as festas do Carnaval com um enterro, com um rapaz lá no caixão e os outros todos a chorar... era assim que pertencia. Houve outra coisa que me lembrei – como os tempos estão diferentes... Andava um ourives numa bicicleta de pedais, com uma mala com mostruários para a gente comprar e não havia roubos, não havia nada... Ele andava de terra em terra. Parava...‘Lá vai o ourives!’ Abria a mala, mostrava. Comprava-se a prestações. Eu sou ainda do tempo dos pregões nas ruas. Havia um homem na esquina que apregoava tudo...Nos dias em que havia cinema, com umas máquinas muito grandes que nós hoje vemos nos museus... Às vezes havia circo na rua. Nós chamávamos-lhes os palhaços... E não havia assentos, tínhamos de levar o banquinho...” **(Maria Sam Pedro)**

“A minha mãe punha-se à janela e dizia: Podes atravessar!”

Eu sou nado e criado aqui em Algés. Não nasci aqui que não havia maternidade mas vim para aqui com dias. A minha família está aqui em Algés já há muito tempo. Eu morava aqui na Rua João Chagas – e andei numa escola que tinha sido uma escola dos combatentes. Era uma escola aqui, num edifício do lado direito, que não se parece

nada com uma escola mas foi escola durante muitos anos aqui em Algés. Eu entrei para a escola, para a 1ª classe, em 64 e a minha casa era pouco mais acima da escola. A rua tinha muito movimento, como tem hoje porque esta rua, a João Chagas, é também uma estrada nacional, e lembro-me que no 2º ou 3º dia a minha mãe punha-se à janela e dizia: ‘Podes atravessar!’ E eu atravessava. Isto é curioso porque hoje os nossos filhos não têm essa autonomia tão cedo. Vejam o que é um miúdo com 6 anos a atravessar a estrada e a ir para a escola sozinho... Sempre fui muito curioso, aliás como todos os miúdos...Lembro-me de passar por aqui com a minha mãe porque íamos muito a casa dos meus avós, que eram de Campo de Ourique e íamos de transportes. Apanhávamos um elétrico aqui e depois outro elétrico, ali em Santos. Lembro-me de perguntar à minha mãe o que era esta cruz. O cruzeiro estava mais deslocado, não estava onde está hoje, estava mesmo no enfiamento aqui do Palácio Ribamar. E lembro-me de passar e olhar, aí com uns 5 anos, e perguntar. E ela, para me calar provavelmente, dizia: ‘Ah, isso foi onde enterraram um cavalo...’

Mais tarde entrei noutra escola aqui em Algés, para a 3ª e 4ª classes, na Av. da República, ao pé do colégio Gil Eanes. Era uma escola com um professor muito rígido que era o professor Albino – um homem que chegou quase aos 100 anos - e essa escola tinha um castelo, um anexo feito de pedra que parecia um castelo e era uma delícia. Depois mais tarde andei no colégio ao lado, que era do Charrua, Mário Charrua, uma pessoa importante aqui de Algés...Parece que só estou a falar da escola mas é verdade, marca-nos a todos... E depois no 1º e 2º ciclo do ensino preparatório - eu sou do tempo da reforma do Veiga Simão - entrei aqui, no Palácio Ribamar. Exactamente aqui onde nós estamos a conversar foi a minha sala do 6º ano... E eu sentava-me aqui, na última cadeira. Era chefe de turma... Em baixo, onde é agora a ACSA, era um Posto Médico. E foi uma pena terem retirado a sinalização. Era um azulejo muito bonito...



A minha infância mistura-se com Algés, com o Algés e Dafundo porque o meu avó foi um dos fundadores do Algés e Dafundo. Durante os anos 60 ainda como criança e depois como jovem, já nos anos 70 assisti a toda a vida de Algés que hoje é incomparavelmente mais pobre em termos culturais e não só...” **(Paulo Gameiro)**

“Do Convento de Mafra à Rua Costa Pinto, em Paço de Arcos”

Eu sou Maria Clotilde Moreira. Nasci em 1936 em Águeda. O meu pai era oficial e vivi em várias terras com as quais não tenho grande ligação porque era muito pequena. Lembro-me de Mafra. Já foi em 1940. Vivíamos dentro do Mosteiro. A cozinha tinha um saguão... E era muito engraçado porque a gente olhava e via assim umas ratazanas a passear, grandes...mas eu não tinha medo porque a minha mãe dizia que elas iam para o subterrâneo. O mosteiro tinha aqueles corredores enormes e eu ia acompanhada de uma sentinela ver o meu pai a fazer o serviço dele.

Lembro-me de uma coisa muito interessante: nessa altura curava-se a tosse convulsa com pão de Sta. Rita. A Sta. Rita em Mafra é uma santa muito importante e havia uma altura em que se benziam os pãezinhos e guardavam-se para quem tivesse tosse convulsa. Eu curei a tosse convulsa com bocadinhos de pão de Sta Rita e água benta. O pão de Sta Rita era sagrado. Tenho já muitas memórias de Mafra. Estive lá até 1942, se não me engano... Mais tarde, já mulher, voltei lá e consegui identificar uma data de coisas.

Em frente ao Convento de Mafra estavam os cafés onde os militares iam tomar café com cheirinho... Nós não podíamos tomar... só nos deixavam cheirar. A minha irmã era muito envergonhada, não ia...

Depois viemos para Lisboa, para a Calçada das Necessidades. Ainda antes de 1944, antes dos meus 6 anos. E em Lisboa, onde é hoje a Av. Infante Santos, havia um quartel, que era a Cova da Moura. O meu pai fazia lá serviço e nós da janela da casa víamos o meu pai cá em baixo. Nesse quartel (e mesmo em Mafra também...) uma das coisas muito boas que me lembro era o rancho. Uma delícia...

Nessa altura ainda não havia muitos automóveis.... Havia principalmente cavalos e mulas e havia um sítio que era a casa de banho dos cavalos e das mulas e era um cheiro... Ainda hoje tenho o cheiro no nariz... Depois mudámos para outra casa que ficava na António Taborda e aí já não se via o quartel mas era melhor. E íamos à Pampulha buscar queques.

Lembro-me do tempo da guerra. Não havia carne. Lembro-me de chegar a casa e dizer à minha mãe: - “Ali no talho estão a vender umas perninhas de borrego, uma delícia!” A minha mãe mandou-me comprar porque a carne vinha do quartel. E as perninhas

nunca mais se cozinhavam. Demorou muito tempo. Mas depois lá se comeu. Muito dura. Passado um tempo veio a inspeção e multou o talho. Afinal aquilo era carne de cão. Não sabíamos e depois de muito cozinhada e muito temperada e sei lá o que a minha avó lhe fez, comeu-se mas achámos aquilo horrível.

Até aí, como vinha muita coisa do quartel, nós tínhamos pouco racionamento em casa. Tínhamos açúcar. A minha mãe não tinha dinheiro mas tínhamos açúcar suficiente para dar quando iam bater à porta as freiras. Por exemplo, as senhoras do Chiado nessa altura, para terem açúcar iam à Bénard ou à Matos tomar o chá e pediam um copo de leite e eles traziam uns bocadinhos de açúcar num açucareiro e elas tiravam o açúcar e punham-no no guardanapo e bebiam o leite sem o açúcar para levar para casa porque não havia mesmo. Depois o meu pai foi para Cabo Verde e foi uma tragédia. Morreu em 1944. E a partir daí é que tivemos racionamento. Era tudo com senhas. Tínhamos de ir levantar as senhas e cortar e eu lembro-me de ajudar a minha mãe. A minha mãe ficou muito perturbada com a morte do meu pai e entretanto nasceu o meu irmão. Era eu que cortava as senhas. Um dia fui ao talho comprar uma costeleta – não valia a pena pedir mais do que uma costeleta porque não havia... - e o Sr. disse: “Olhe, vá perguntar à mãezinha se quer mais?” E eu fui a correr. Já morava em Paço de Arcos. “O que é que aconteceu?” – perguntou a minha mãe. E eu: “Aconteceu que ele me vende duas costeletas!” Hiii... Foi uma festa! Lá voltei outra vez a correr, comprámos as duas costeletas. Tinha acabado a guerra e vinha carne da Argentina.

Foi em 1942 que nos mudámos para Paço de Arcos. Em 1943 mudámos para a casa onde ficámos a viver, na Rua Costa Pinto, mesmo em frente dos Cacetes.



3- Paço de Arcos - Rua Costa Pinto

De 1942 para 43 fomos passar a passagem de ano ao Gymnasio, que era um teatro ali assim perto do Chiado. A minha irmã que era pequenita dormiu todo o tempo mas eu estive a ver e lembro-me de uma cena de uma pessoa a cantar, com uma capa, corria pelo palco e dizia *‘Há uns que dizem que sim, há outros que dizem que não. Mas, eu, ou vai ou racha, fica Lisboa no meio do chão’* O meu pai e a minha mãe explicaram-me que era sobre o Duarte Pacheco. Porque o Duarte Pacheco estava a começar a modernizar Lisboa, a arrancar com as avenidas novas. Projecta a primeira parte da auto-estrada, aquelas coisas todas. Aquele grande arranque é dele. E de vez em quando eu cantava e a minha mãe *‘Lá está ela!’*. E mais tarde ele morreu e é engraçado que, muitos anos depois, quando eu casei, o meu marido lembrava-se de em miúdo ter ido ver onde tinha sido o desastre daquele engenheiro, o Duarte Pacheco. Ele espetou-se com toda a força. Excesso de velocidade....

Eu não andei praticamente na escola primária porque como o meu pai morreu eu depois não fui para a escola a tempo e horas. Em 45 a minha mãe foi-me matricular à pressa numa escola em Cascais, que ela era muito ligada a Cascais. Aceitaram-me lá e a minha mãe pediu muito que eu fizesse logo tudo para entrar na 3ª classe. Lá devo ter aprendido umas coisas e depois fui para essa escola que havia em Paço de Arcos para fazer a 3ª classe e a 4ª e a admissão aos liceus mas como não tinha lugar na escola tinha uma professora, que era a D. Isaura, a Directora dessa escola, que me recebia às 5 da tarde, quando já tinham acabado as aulas, a mim e à Esmeraldinha e ao...não me lembro agora do nome do outro ... Depois, como estava desenquadrada, continuei lá até fazer a admissão aos liceus... Quer dizer, não tive uma escola como os outros. A minha irmã já entrou e já fez as coisas todas certinhas.

Depois vou para o Colégio, estou 7 anos no Colégio, no Instituto de Odivelas. De maneira que só vinha nas férias – a minha irmã vai no ano a seguir – e o meu irmão vai, passados uns anos, para o Colégio Militar. “ **(Clotilde Moreira)** ”

“Nasci na casa onde vivo.”

Eu nasci em Paço de Arcos. O meu pai já tinha nascido em Paço de Arcos, naquelas casas que ficam logo a seguir à Marginal e não tinham nada à frente. Muito perto do Palácio dos Arcos. Saía-se de casa e era areia. O meu pai era filho de uma senhora natural de Oeiras, que vivia muito perto da Igreja da Misericórdia e que casou com um beirão, que era o meu avô paterno. Vieram viver para Paço de Arcos para uma casa por cima da Farmácia Godinho, aquela enorme casa com 12 divisões e um corredor enorme onde nós, os netos, brincávamos...



1 PAÇO D'ARCOS - Trecho da Estreita Marginal e Praça da Sardinha

Como é que se faz a ligação com a minha mãe que era algarvia? Paço de Arcos transformou-se num sítio onde era 'bem' passar férias e a minha mãe vai passar as férias a Paço de Arcos e os tios decidiram comprar uma casa (onde fica agora o restaurante brasileiro). Os meus pais eram muito diferentes: o meu pai, um autodidata, muito comunicativo, a mãe uma pessoa muito mais culta, de uma família com outras raízes e os seus tios (a minha mãe não tinha pai nem mãe, tinha sido educada num colégio interno, dominava várias línguas, como era próprio – tocava piano e falava francês. E a minha mãe, no primeiro ano em que vem passar férias a Paço de Arcos, conheceu o meu pai. A minha vida está cheia de coisas muito engraçadas... Ainda não estamos na década de 40 e o meu pai já era divorciado. A minha mãe era uma menina de boas famílias e começa a namorar um divorciado. A família opôs-se: “Não casas com uma pessoa dessas! Era o que faltava! Não contes com o nosso apoio porque não vale a pena!” O tio da minha mãe nessa altura era Ministro dos Negócios Estrangeiros e o meu pai disse-lhe que casava dentro de um ano. E casaram. E a minha mãe veio viver para Paço de Arcos. Eu tinha um irmão de 9 anos do primeiro casamento do meu pai. O meu pai era uma pessoa muito para a 'frentex' e vocês vão perceber porque é que ele me levava aos republicanos sendo uma rapariga...porque a ex-mulher do meu pai era cantora lírica. Estamos no princípio do século XX...Tudo isto tem influência... O meu pai sempre gostou muito de teatro. Fez teatro em Paço de Arcos. A minha mãe sentiu-se um bocado deslocada em tudo, vem para uma terra que não era a dela, para uma família bastante diferente da dela, sabendo que a sua família não aceitava o casamento. E daqui nasce uma menina, que sou eu. Nasço em Paço de Arcos e ainda a família da minha mãe não estava bem com ela. Nasci na casa onde vivo. E essa é

uma particularidade muito engraçada. Durmo no quarto onde a minha mãe me teve. Os meus pais, embora cada um à sua maneira, eram pessoas muito interessadas nos outros. O meu pai com a sua facilidade de expressão, falava com toda a gente, fossem eles quem fossem. A minha mãe mais preocupada com o que podia fazer pelos outros. Isto fez com que o meu pai passasse pela Junta de Freguesia, pelos bombeiros, por um clube desportivo, inserindo-se muito bem na vida social de Paço de Arcos. Tínhamos uma empregada lá em casa e passados uns meses de eu ter nascido, ela engravida. A minha mãe conta a história ao meu pai que tenta fazer-lhe o casamento mas o homem desaparece e aquele menino foi quase como um irmão para mim porque foi sempre acompanhado pelo meus pais. Isso veio mostrar à minha mãe que havia meninos que não tinham leite, não tinham roupa, não tinham nada...e passavam muitas dificuldades... E então juntou-se com a Madame Barata, uma senhora francesa e uma portuguesa e formaram uma casa de protecção às crianças, num teatro que havia em Paço de Arcos. Eram 12 meninos. Tenho a fotografia linda dos 12 meninos. Eu com 1 aninho e eles todos mais pequeninos, no dia da inauguração. A minha mãe e as outras duas senhoras, juntamente com um médico pediatra conseguem arranjar leite de vaca com quem tinha vacarias e elas próprias faziam as roupas para as crianças.

Isto foi a grande marca da minha vida. Eu não me lembro da minha casa sem esta preocupação de fazer alguma coisa pelos outros. Havia uma empregada que ia lá a casa coser e fazer os enxovais para os meninos. Foi a melhor aprendizagem que eu tive para mais tarde ter percebido que não vinha cá por acaso.

Tive uma infância feliz. “ **(Aline Bettencourt)** ”

Histórias de Algés

“Algés é sempre o sítio onde eu volto” (Helena Abreu)



“Em Algés me conheci e aqui me fiz gente. Foi quando estive mais desligado de Algés, porque vivi alguns anos em Sintra, que percebi isso mesmo. Em Algés estão as minhas raízes. Sinto-o nestas ruas, nas memórias de Algés, na sua história. Por isso me tornei apaixonado pela história local. Algés tem uma área de influência enorme. Falar da história de Algés é falar da história de Pedrouços, de Linda-a-Velha, Carnaxide, Dafundo, Cruz Quebrada, Paço de Arcos.” **(Paulo Gameiro)**

“Algés era um sítio de grande dinamismo e de vanguarda. Muita gente se fixou em Algés durante o regime – e em zonas mais remotas da periferia – porque havia mais controlo da polícia em Lisboa. Era muito diferente viver em Campo de Ourique ou em Santos. Havia todo um frenesi. E outra coisa importante... a estrutura etária da população, que era muito mais jovem...” **(Paulo Gameiro)**

“Algés era um centro. Ao nível do entretenimento rivalizava com o que é hoje Belém. O jardim estava sempre cheio de gente.” **(Paulo Gameiro)**

“Algés era a nossa referência. Vínhamos da Ajuda em grupo para o Algés e Dafundo. Algés é um dos lugares da minha identidade” **(Madeira Luís)**

“Nos anos 80 Algés começa com problemas e vêm crescendo... Problemas muito ligados ao envelhecimento da população. Quando tínhamos uma percentagem elevada de crianças e principalmente de jovens na idade da inovação, entre os 15 e os 25, 30 anos, Algés tinha um dinamismo que se reflectia também em termos culturais. Havia toda uma pulsão que eu tive a sorte de viver intensamente.” **(Paulo Gameiro)**

O Corredor da Tamar

“O Corredor da Tamar era uma coisa mítica, absolutamente mítica... Antes do 25 de Abril, a tensão política no Corredor da Tamar era tal que uma piada política dita numa mesa circulava por todos quantos lá estavam... Era interessantíssimo.” **(Helena Abreu)**

“Lembro-me das tertúlias do Corredor da Tamar. Juntava-se ali um grupo de pessoas, a maior parte anti-regime. Era um centro de discussão, política, de cultura...” **(Paulo Gameiro)**

O 1º Acto

“O 1º Acto surge numa altura em começaram a criar-se várias cooperativas culturais, antes do 25 de Abril. Era uma cooperativa. Comprou-se aquela garagem, fizeram-se obras. Transformou-se aquilo num teatro. Tudo isto com o dinheiro e o trabalho das pessoas, todas juntas.” **(Ana Paula Torres)**

“O 1º Acto era uma referência no panorama cultural. Lembro-me da 1ª peça. Foi a Antígona, interpretada pela Madalena Pestana. Gostei bastante. Lembro-me que foi muito bom!” **(Helena Abreu)**

Palácio Ribamar – A Escola Francisco Arruda

“A Câmara adquire o Palácio Ribamar em 1962, de não estou em erro. Até à data, em Algés, só havia escolas do 1º ciclo e a Câmara faz aqui uma Secção do Liceu de Oeiras para o chamado 2º Ciclo. Depois desvincula-se do Liceu de Oeiras e passa a ser uma Secção da Francisco Arruda. O Director da Escola era o professor Calvete Magalhães, que foi muito inovador para época. Ainda me lembro de nos juntarmos e de lhe perguntarmos se havia espaço para um ginásio, depois fazerem um ginásio, onde está apenas a esplanada e o café” **(Paulo Gameiro)**

Sport Algés e Dafundo

“O meu avô foi um dos fundadores do Algés e Dafundo. Foi atleta e o meu pai também e depois eu também tive de ser... Era obrigatório. Era a minha 2ª casa, passava lá grande parte do meu tempo. Assisti a todos aqueles espectáculos que havia no Algés. Foi de grande importância para a natação em Portugal. Foi pioneiro e um marco na natação.” **(Paulo Gameiro)**

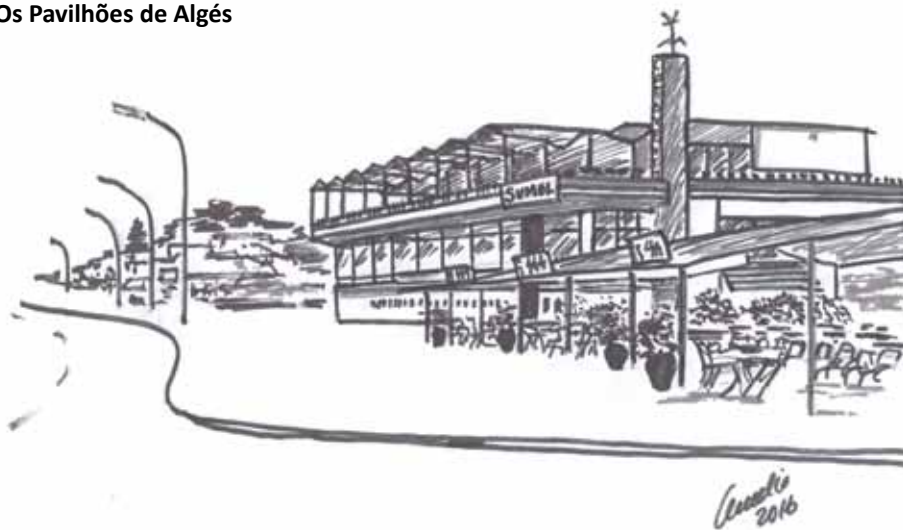
Livraria Espaço

“Era um espaço mítico para mim, desde miúdo. Conheço bem o Armando Rodrigues, era amigo do meu pai. Era um projecto muito interessante. E tinha a discoteca lá em baixo. Para mim em adolescente, todos aqueles discos, a música...”

“Houve uma altura em que as editoras atribuíam um Prémio para a melhor montra e a Espaço ganhou. Ainda antes do 25 de Abril. Faziam-se coisas muito interessantes, como uma exposição de fotografia do Eduardo Gajeiro, que foi um momento muito importante.” **(Madeira Luís)**

“A Livraria Espaço era um lugar de encontro. A montra dava-nos logo a conhecer os títulos mais importantes, dos livros e dos discos. Tinha música que não sendo 100% censurada era complicado ter. Adriano, Zeca Afonso, Sérgio Godinho...” **(Paulo Gameiro)**

Os Pavilhões de Algés



“A rapaziada estudava no Café Ribamar. Era um café muito famoso, onde se cruzou muita gente. Jogávamos matraquilhos lá em baixo. Lembro-me que ao fim-de-semana, o homem do café ligava a televisão, com a missa, bem alto, para toda a gente ouvir. O pessoal a querer estudar e não conseguia. Até que houve alguém que trouxe o comando de casa, que era igual e baixava o som. De maneira que, de vez em quando, o homem lá ia levantar o som, quando a missa já estava muito baixinho. Ele a levantar e o outro a baixar...Era um folhetim.” **(Maria Sam Pedro)**

“Havia 4 pavilhões em Algés. O Pavilhão Cristal era dos mais activos, do ponto de vista cultural. Ficava onde é agora o Parque de Estacionamento. Onde está agora o INA era o Catavento. O Caravela ainda lá está e o Ribamar morreu. Foi no Ribamar que aprendi a jogar ténis de mesa. Era um centro de convívio. Tinha uma placa dos alunos do INEF, que estudaram ali, que fizeram ali o seu curso, nos anos 60. Todos eles eram centros de convívio, lugares de cultura e de lazer.” **(Paulo Gameiro)**



“Foi no dia 31 de Dezembro de 1964, numa passagem de ano. Eu tinha casado há pouco tempo e estava à espera de bebé e não havia muito dinheiro para festas.

Por isso, depois de jantar fomos dar uma volta por Algés onde vivíamos. Ainda havia a Tamar, uma pastelaria no início da Av. dos Combatentes, ponto de passagem de quem vinha dos transportes e ponto de paragem para quem cria trocar dois dedos de conversa, tomar um café, cavaquear ou simplesmente encostar-se à porta e ver quem passava.

Ali encontrámos uns amigos que estavam a fazer horas para irem festejar “a sério” o Novo Ano e que se foram despedindo. Ficou apenas um, que se o vir penso que ainda o reconhecerei, mas que esqueci o nome.

Rumámos os três para o Jardim, ali a meia dúzia de metros, e fomos para o Cristal que

era um pavilhão tipo “belle époque” de estrutura metálica e vidro, que não ia fechar e ali ficámos a conversar. Eles beberam cerveja e eu, no meu estado ‘interessante’, tive direito a um copo de leite que veio com uma colher de cabo comprido.

O meu marido e o amigo foram recordaram as histórias do grupo que alinhava nas mandrices, que os casamentos os anos iam reduzindo... Falaram das noitadas no Relento e dos recordes de cervejas bebidas e também nos projectos que talvez se concretizassem.

Assim, em conversa amena, os três chegámos à meia-noite: fizemos pedidos e brindámos ao Novo Ano e passada a euforia, decidimos regressar a casa.

Pagámos, desejámos felicidades com quem nos fomos cruzando e saímos. Já na rua, o nosso amigo, disse-me para ver a minha carteira, pois tinha lá aparecido um presente. Espantada, abri a carteira e vi que lá estava a colher do meu copo de leite que aquele ladino tinha surrupiado no café, fazendo jus ao rótulo que o grupo tinha das suas diabruras.

Já se passaram cinquenta anos: Algés mudou, a Pastelaria Tamar é agora um banco, o Cristal desapareceu e deu lugar a um imóvel que já teve várias valências, mas a colher do Cristal continua a sua função e recorda-me com a alegria a marotice daquele Fim de Ano.” **(Clotilde Moreira)**

A Praia de Algés



“Ainda sou do tempo da Praia de Algés. Muito degradada já... Começou a degradar-se nos anos 40 e começou a morrer nos anos 70.” **(Paulo Gameiro)**

“ A minha sogra contava que vinha passar férias para o Dafundo quando era nova, ainda solteira e que tinha um salvo-conduto para passar. Se fosse viva tinha mais de 100 anos... Vinha com os pais para a praia fazer a época balnear e tinham salvo-conduto porque havia guarda-fiscal às portas de Lisboa. Quando fui morar para a Charneca, na Ameixoeira tínhamos de dar a volta pela Torre do Lumiar e a Sentinela, se estivesse escuro perguntava: “Quem vem lá?” **(Amélia Teixeira)**

A Docapesca

“ Em 1966, a Docapesca veio aqui para Algés e é feita aqui uma grande obra. Recebia-se os barcos com peixe e descarregava-se. E rapazes, como eu e o Aurélio, principalmente rapazes assim mais corpulentos como nós eramos, com 15, 16 anos iam à Docapesca na altura das férias e trabalhávamos à jorna. Havia um capataz que nos escolhia e nós fazíamos assim cara de maus e tal e ele” Tu, tu e tu!”, lá nos escolhia. Foi uma alegria os 180 escudos que ganhei no meu primeiro dia de trabalho! Havia vários turnos. Havia um das 21H às 6H da manhã que normalmente acabava lá para a meia-noite, 1 da manhã mas podia ir até às 6. O barco chegava e nós descarregávamos. O Aurélio trabalhou numa parte mais difícil, no frigorífico. Era duro mas ganhava-se mais. 225 escudos, disse-me ele outro dia! Era duro porque eles descarregavam a temperaturas de menos de 20º C. Nós não...ficávamos era com a roupa a cheirar a peixe para sempre!” (Paulo Gameiro)

A casa de jogos do Zé Rosa

“Vivi intensamente Algés... Algés tinha muita vida. Vida nocturna também. Até às 3H, 4H da manhã estava tudo aberto. Salas de jogos, bares. Nós tínhamos um grupo. Éramos uns 40. Uns com motas, outros com carros. Concentrávamo-nos todos aqui e no Verão íamos para casa do Zé Rosa. O Zé Rosa morava numa daquelas casas antigas de Algés que tinha aí umas 9 assoalhadas. Os pais dele passavam as férias no Algarve. Um mês inteiro. E nós fazíamos o seguinte. Os pais saíam de casa e antes deles irem na ponte sobre o Tejo já estavam uns 11 ou 12 em casa do Zé Rosa a desmontar tudo – tapetes, móveis, bibelots, tudo o que se pudesse partir...O que é que sobrava? Mesas e cadeiras. A partir daí tínhamos um mês inteiro para jogar às cartas. A toda a hora e a todo o momento havia movimento naquela casa. Alguns estavam sempre, outros trabalhavam por turnos e outros só vinham ao fim-de-semana porque estavam na tropa. Na véspera ou na ante véspera contratávamos uma pessoa para fazer a limpeza da casa e voltávamos a repor tudo no sítio e quando os pais dele chegavam era como se nada tivesse acontecido.” **(Aurélio Figueiredo)**

A preta de Algés

“Era uma figura emblemática de Algés a Preta dos Amendoins... Era a Preta de Algés. E era daquelas senhoras que quando vias te inspirava logo respeito. Pelo porte, pela voz. Tudo nela era imponente. Andava sempre cheia de pendurezas, muitos fios e tinha uma alcofa com amendoins, tremoços e cajus que vendia nuns cartuxos de papel. Curiosamente era o meu tio Rocha, que tinha um armazém ali na Rua Dr. António Granjo, que fazia estes sacos e vendia para as mercearias e lojas.” **(Aurélio Figueiredo)**

“Era uma personagem... A Preta de Algés era convidada para os casamentos e baptizados que se faziam na Tamar. Casamento em que não fosse convidada a Preta de Algés...” **(Clotilde Moreira)**



Algés e a exposição do Mundo Português

“O meu pai era engenheiro em Tomar mas convidaram-no para ser o engenheiro-chefe da Exposição do Mundo Português e nós viemos para Pedrouços e depois para Algés. Morávamos na Av dos Combatentes, nº 18, ao pé da Farmácia Nifo. Algés era muito agradável. Saíamos à noite, íamos para as esplanadas, havia música ao vivo. Eu fiz ginástica no Algés e Dafundo.

Lembro-me muito bem da Exposição do Mundo Português porque estive lá no meio. Foi uma exposição lindíssima... Quando fiz agora 83 anos, os meus filhos convidaram-me para almoçar no Espelho d'Água e aquilo está uma beleza. Vieram-me perguntar se eu gostava e vieram-me as lágrimas aos olhos...

O meu pai convivia com toda a gente. Tratava os engenheiros como tratava o chofer ou outro empregado qualquer. Quando andavam a fazer o saneamento básico em Moçambique e ele ia de motorista, dizia: “Ó Ernesto, vá-se desfardar que vem almoçar comigo!”

Dávamo-nos com muita gente e tínhamos sempre a casa cheia. Recebíamos em casa gente de esquerda e de direita. Quando via o Lopes-Graça na Parede dava-lhe um abraço. Recebíamos o Lopes-Graça lá em casa e nunca tivemos problemas.” **(Manuela Carvalho)**

Liceu de Oeiras



42 Oeiras — Liceu Nacional de Oeiras

“ Quando regresssei a Algés, aos 14 anos, fui para o Liceu de Oeiras que me pareceu a república da liberdade. Para quem vinha de Coimbra, o liceu de Oeiras era a liberdade... O liceu em Coimbra era muito fechado. Tinha uma Directora da Mocidade Portuguesa que era cunhada da Directora da Mocidade Portuguesa e aquilo era muito controlado, muito reprimido. Era opressivo. O liceu de Oeiras era misto. As turmas dos mais velhos eram mistas. Quando faltava um professor, teoricamente deviam ir rapazes para um lado, raparigas para o outro mas nós juntávamo-nos e ninguém nos aborrecia demasiadamente. Em Coimbra eramos fritos ao pequeno-almoço. O Liceu de Oeiras foi para mim uma abertura, uma grande descoberta. Fiz uma amiga lá, que depois perdi de vista, que era a Ermelinda Duarte, que anos mais tarde faz aquela música da gaivota. No 6º e no 7º ano tive uma turma giríssima. Dávamo-nos todos muito bem. Vínhamos estudar para os Pavilhões de Algés. Raramente íamos a Lisboa. Às vezes o Liceu mandava-nos a Lisboa para as manifestações fascistas mas como eramos de Oeiras e demorávamos muito tempo a chegar, quando lá chegávamos já a manifestação estava no fim. Quando estava no 6º ano, a Gulbenkian inventou um programa de Cultura Musical para os pré-universitários. Eram uns concertos que se faziam no Tivoli para os alunos dos liceus. No 1º concerto, o Mexia, do Liceu de Oeiras distribuiu os bilhetes por todas as turmas mas aquilo deu uma bronca enorme porque os de ciências levaram despertadores e puseram-nos a tocar...fizeram trinta por uma linha... E então o Mexia resolveu que daí em diante só dava os bilhetes aos de Letras e de Arquitectura... Estes eram os alunos das artes e os outros eram uns trogloditas (risos)... Era a grande festa. Ir ao Tivoli ouvir um concerto. O primeiro foram as 4 Estações do Vivaldi...Depois ir aquela gelataria em frente... Era um programa!” **(Helena Abreu)**

“Em meados de 1960 havia um movimento dos liceus que apanhou o Liceu de Oeiras. O Liceu já era bastante politizado. Havia um grupo grande de pessoas com outra aber-

tura. Muitos eram de Algés mas também de outras zonas da Linha, até Cascais.” **(Paulo Gameiro)**

Bibliotecas

“No Largo do Ribamar, onde passei parte da minha infância, havia uma biblioteca da Gulbenkian. Estávamos no jardim e podíamos ir lá escolher um livro.” **(Paulo Gameiro)**

“Entreí na biblioteca como vigilante, depois de ter estado no Parque de Campismo. A biblioteca era no Salão Nobre da Câmara, em Oeiras. De um lado tínhamos os Diários da República e as Enciclopédias, do outro lado as estantes com os livros arrumadinhos por ordem numérica e um ficheiro manual. Quando os livros saíam púnhamos uma ficha no livro, com o nome da pessoa que o levava e a data. Lembro-me que tive a ideia de passarmos a fazer duas fichas, uma que ia com o livro e outra que ficava na biblioteca. No final de 1978, sugeri à Dra. Manuela Guedes que me dessem acesso ao Palácio Anjos para eu ir gerindo as encomendas que chegavam porque não tínhamos espaço em Oeiras. Fui para o Palácio Anjos ainda as obras estavam a decorrer. Tinha uma secretária e uma cadeira e as encomendas chegavam e eu ia registando. Andava de sala em sala, pegava na cadeira e na secretária e quando os homens precisavam de trabalhar na sala onde eu estava mudava para outra. Tempos depois vieram os seguranças e mais perto do Verão chegou o primeiro pessoal para começarmos a trabalhar. Inaugurámos no dia 7 de Junho de 1980 e em Oeiras a biblioteca mudou para a Av. de Brasília. O Palácio Anjos é um edifício muito central, muito bem situado e com espaço e a Câmara achou que podia convertê-lo em biblioteca e centro cultural. Dada a dimensão do concelho já se justificava a descentralização e criação de uma biblioteca em Algés.

Fez-se muita coisa na biblioteca, apesar da pouca divulgação. Funcionou muito o boca a boca e as pessoas começaram a conhecer e a frequentar o espaço.

Mais tarde, em 2001, biblioteca foi transferida para o Palácio Ribamar, depois das obras de reconversão e permanece aqui até hoje. É um espaço de referência e de encontro.” **(Aurélio Figueiredo)**

“Agora estou aqui na Casa de Repouso e, aos poucos, fui descobrindo Algés novamente. Pala mão desta menina, a Diana, que tem sido o meu anjo da guarda... Gosto muito de passear e o meu passeio preferido é vir à biblioteca, atravessar este pátio, olhar o jardim, sentar-me um bocadinho a descansar, a conversar. E ir depois escolher os livros que vou levar. Eu gosto muito de ler. E venho muitas vezes. Uma vez por semana, pelo menos. Releio livros que já li e também coisas novas que me vão sugerindo.” **(Salette Cerqueira)**



Paço de Arcos

“Íamos para a Praia de Paço de Arcos. Era uma maravilha! Brincávamos imenso...Lembro-me que havia lá um banheiro meio tresloucado que passava a vida a rezar e dizia assim: “Pelo sinal do bico real, comi toucinho não me fez mal. Se mais houvesse mais comia. Adeus, Sr. Padre, até outro dia!” À tarde jogávamos ao prego. Depois passámos a ir à Praia Nova. Havia três concessionários. Normalmente nós ficávamos no primeiro. Íamos por aquela marginal toda e quando chegávamos em frente à praia passávamos para o outro lado. Mais tarde, quando já estava empregada resolvi começar a fazer barulho para se fazer uma passagem subterrânea, que está lá. Aliás, já havia uma passagem por baixo, no quartel.” **(Clotilde Moreira)**

“Em 1942 havia já 2 médicos e duas farmácias em Paço de Arcos. Foi por isso que o meu pai se decidiu por Paço de Arcos. Em Caxias não havia nem médico nem farmácia. Estávamos na Rua Costa Pinto mas atravessávamos a rua, com 9, 10 anos e íamos para o jardim brincar. O Jardim de Paço de Arcos era uma maravilha...Havia o quiosque do Sr. Lima, que tomava conta dos nossos recados: “Sr. Lima, a minha mãe quer-me em casa às 2 e meia!” Os Lima abriram depois uma pastelaria junto à estação.” **(Clotilde Moreira)**

“No Jardim mesmo em frente da Marginal com um passeio a separar do asfalto ficavam as Escolas. Eram constituídas por dois pisos, um térreo cheio de carteiras e um pequeno estrado onde estava o quadro e a secretária do professor. Estas duas salas de aulas eram separadas por uma construção com primeiro andar. Aqui moravam os professores/directores. De um lado os rapazes, com o professor Lacerda que tinha uma filha que tocava muito bem piano. Do outro, as raparigas com a D. Isaura. Ainda havia outra professora que morava junto aos correios, que eram na Rua Costa Pinto. Chamava-se D. Noémia e tinha fama de ser muito “má”.



14 PAÇO D'ARCOS – Avenida Marquês de Pombal e Monumento ao Patrão Joaquim Lopes

Na direcção de Cascais ainda havia duas ou três pequenas vivendas. Numa morava a Pilarinho que tinha uma irmã mais velha. Este Jardim tinha um quiosque e um coreto que ainda existe.” **(Clotilde Moreira)**

“Um professor primário muito bom era o Professor Coelho que dava aulas junto à Capela Sr. Jesus dos Navegantes, num prédio que hoje está em ruínas. Era o Núcleo de Instrução de Beneficência. O meu irmão foi para lá em 1951, quando fez 7 anos. Quando o Professor faleceu quem continuou a dar aulas foi o filho que depois casou com a Maria Alice Los Rios, mais conhecida por Maria do Casino porque morava no prédio que tem entrada pelo pátio do Clube Desportivo de Paço de Arcos.

Lembro-me da Maria Lalande e as Irmãs Remartinez. Na Rua Costa Pinto morava uma senhora ligada às artes, a D. Maria Monteiro, que era também professora de piano e promovia muito o teatro. Um dia encena uma peça – penso que seria do Óscar Wilde – em que entra o Zé de Castro e ele representou tão bem que se diz que a Maria Lalande o levou para o teatro profissional, onde ele fez carreira.

Eu e a minha irmã não pudemos assistir aos espectáculos porque estávamos no Colégio e a D. Maria Monteiro, nas férias, leu-nos a peça fazendo as vozes.” **(Clotilde Moreira)**



“Outro dia estava no pontão de Paço de Arcos e estava a pensar. Está aqui contido. A história de Portugal está aqui à espera de ser lida. Naquela baía que se vê até ao Cristo Rei estão as fortalezas do tempo da defesa de Lisboa. É preciso ver e não apenas olhar. O Saramago é fantástico nesta expressão.” **(Aline Bettencourt)**

As pedreiras de Oeiras

“O Concelho de Oeiras era dado a ter pedreiras com bairros muito pobres. As pessoas emigravam e vinham para ao pé das pedreiras, que era onde havia emprego. A Pedreira dos Húngaros porque eram húngaros os que vieram explorar, a Pedreira dos Italianos porque eram italianos os que primeiro vieram explorar a pedra. E depois havia os emigrantes minhotos e transmontanos. Gente que vinha sobretudo do Minho e que se aglomerava ali à volta porque havia trabalho. Eu conheci estas realidades quando aderi a um movimento social da Igreja, um movimento vanguardista que se iniciou nos anos 50. E aos 13 anos sou confrontada com um mundo completamente diferente, de muita pobreza. E os 13 anos são uma idade crucial para mim. Percebi que não vim cá por acaso e que os outros são essenciais na minha vida. Esse embate abriu-me a cabeça completamente e a partir daí fiz um percurso em consonância com essa descoberta.” **(Aline Bettencourt)**

**Histórias da história de um país:
A ditadura do Estado-Novo e o 25 de Abril**

Estado Novo – A politização dos estudantes, resistência e luta

“ O que o governo fazia quando suspendia os estudantes pela actividade política era empurra-los cada vez mais para a política. Quem estava suspenso em Letras ia a Direito, a Medicina. Circulávamos entre as várias faculdades. Fui muitas vezes a Medicina. Havia grandes debates na sala dos estudantes. Lembro-me de ouvir o Francisco Louçã, de cabelo loiro, meio ruivo. Ficávamos admirados com a sua capacidade de análise política da situação que estávamos a viver. Era um miúdo de 16 anos. Também íamos muito à Faculdade de Economia e o tema era sempre o mesmo: A Guerra Colonial. Era o que mais nos tocava na pele. Aquela guerra injusta... Aos rapazes porque iam para a guerra e às outras pessoas porque tinham familiares na guerra... Houve uma vez que enchemos um pavilhão da Faculdade de Economia. Era um ‘meeting’ como lhe chamávamos sobre a Guerra Colonial. E entram dois homens ligados à direcção da faculdade, um deles de pistola em punho e o da pistola diz: “Aqui ninguém fala e vai tudo sair!” E lembro-me que se fez um silêncio enorme e depois os colegas das filas de trás começaram a descer as escadas e a dizer “Não vamos ter medo, não vamos ter medo!” E levanta-se uma quantidade enorme de gente e os homens-pernas para que te quero, fugiram dali. E nós também fugimos porque sabíamos que em poucos minutos ia aparecer a polícia de choque. ” **(Ana Paula Torres)**

“ Lembro-me que no último 1º de maio negro, em 1973, no meu 9º ano, houve uma série de colegas que apareceram na escola dois dias depois com a cabeça rapada. Tinham andado na confusão, passaram na António Maria Cardoso e deram-lhes um corte... Claro que este género de coisas acabava por ser contra produtivo! Eu, como jovem, para quem o ‘fruto proibido é sempre o mais apetecido’ fiquei logo curioso...Isto interessa-me.” **(Paulo Gameiro)**

“Lembro-me da crise académica de 1962... Tínhamos sempre a PIDE à porta. Eu não me metia muito em política mas tinha colegas que sim. Lembro-me do João Bernardo, que andava com aquele emblema da corda e um dia o Reitor passou por ele e disse-lhe: “Aconselho-o a tirar esse emblema!” e o João não tirou. Passados dias, o Reitor passou por ele e disse-lhe: “Eu não lhe disse para tirar o emblema?”, “Não, o senhor só aconselhou.” **(Helena Abreu)**

“Quando entrei na Faculdade de Letras percebo que um mundo novo se abria à minha frente... À porta do Anfiteatro 1, os estudantes do 1º ano tinham os dirigentes associativos de todas as tendências, cada um puxando a brasa à sua sardinha e fazendo a caracterização do regime, apontando caminhos... E eu fiquei completamente deslumbrada com aquilo tudo. No 1º ano ainda andei a estudar mas no 2º ano pensei que tinha de desistir de estudar história para fazer a história do meu país. Depois voltaria a

estudar história. Foi uma decisão muito consciente. Ia a todas as reuniões que houvesse. Há um dia em que se decide fazer um meeting no bar da Faculdade de Letras para discutir a Guerra Colonial. E lá fomos todos. Estavam pessoas de todas as tendências e até alunos que não tinham nada a ver com assuntos políticos, tanto que uma aluna estava com uma chávena de café na mão e, de repente, alguém diz: “Bem, vamos lá juntar-nos e começar a conversar sobre...” E nessa altura aparece um desses gorilas (que eram pides que tinham vindo dos Comandos e eram colocados nas faculdades para controlar os estudantes) e começa aos gritos: “Não vão discutir nada! Estão mas é calados!” e dá uma sapatada na chávena e aquilo voa... E foi um borborinho. Ele fugiu porque estava sozinho mas nós percebemos imediatamente que ia haver pancadaria. Fizemos uma barreira com mesas e cadeiras para nos protegermos. E a certa altura vem o gorila, com outros atrás e queriam que nós saíssemos, que abrissemos aquele espaço e nós não saímos e aquilo deu uma raia...já havia feridos do lado de cá e do lado de lá... A certa altura o Lindley Cintra desceu as escadas e já vinha com a cara toda deitada abaixo. Já tinha sido agredido. E atrás vem o David Mourão-Ferreira. Vinham tentar salvar-nos da situação. Queriam que eles nos dessem um salvo-conduto para podermos sair dali sem nos acontecer nada. Mas eles disseram que não saíamos. E nós começamos a ver a polícia de choque com os cães através das janelas do bar. Entrámos em pânico. Toda a gente saltou e tentou fugir por onde desse. Eu corri por um corredor onde havia várias portas e nós tentávamos entrar. Havia professores que fecharam imediatamente as portas e havia outros que as abriam e nos deixavam entrar. Eu e vários entrámos numa sala. O professor não disse nada. Pediu para mantermos o silêncio. Só tive tempo de me voltar para trás e pedir a uma colega uma folha e uma caneta. Estavam a fazer teste... E lembro-me de escrever a vermelho ‘psicologia’ com a letra toda a tremer.” **(Ana Paula Torres)**

“Eu gostava muito de ginástica e era boa e o meu pai deixava-me fazer tudo até ao fim mas quando chegava o dia da apresentação no Estádio Nacional, no 10 de Junho, ele dizia: “Filha minha não veste a farda da Mocidade Portuguesa! Nem pensar!” Mas para eu não andar triste deixava-me fazer tudo até ao fim.” **(Amélia Teixeira)**

Estado Novo – Repressão

Direção dos Serviços de Censura

DESPACHO
em 14/11/1959

Distribuído para leitura em 13/11/59
Recebido em 14/11/59

RELATORIO N.º 6.408

Autor: Simone de Beauvoir
Tradutor:
Editor: Gallimard - Paris
Proveniência: P.I.D.E.

"PRIVILÉGES"

Simone de Beauvoir, "companheira" de Jean-Paul Sartre e comunista confessa ela própria, antiga deputada do Partido, etc., é autora de várias obras literárias, algumas das quais já apreciadas e proibidas por estes Serviços.

Esta obra em causa "Privilèges" é uma série de 3 estudos ou ensaios.

No primeiro "Faut-il brûler Sade ?" intenta explicar e até desculpar, elogiosamente, Sade e o "sadismo", em conclusões que forçam violentamente a moral. Só isso justificaria a proibição do livro.

O segundo ensaio: "La pensée de droite, au-jour'd'hui" é um ataque cerrado ao "pensamento Burgues e das direitas", no Ocidente (no que esta palavra tem de espiritualmente caracterizador), ата que baseado, aliás, em noções ideológicas de Marx, Lenina, etc. Em suma: negação dos valores morais e espirituais do Ocidente (veja-se: "Conclusion", da pág. 195 a 200). Portanto: outra e segunda razão para proibir o livro.

O terceiro estudo "Merleau-Ponty et le pseudo-sartreisme", consiste numa crítica verriçosa ao escritor que ousara atacar ou comentar Sartre, o "intangível" (na opinião da "camarada" Simone

Censura Estado Novo

“A partir de certa altura, no dia 28 de Maio, havia sempre reboliço... Não era por acaso. Era por ser no 28 de maio. Uma vez na Baixa o reboliço foi de tal ordem que o meu marido, que trabalhava na altura na União de Bancos, na Rua da Prata só teve tempo de entrar no Banco e enfiar-se debaixo de uma secretária para não ser visto da janela... Porque quando havia algum ajuntamento, a PIDE vinha com uma tinta que deixava a roupa suja... e uma hora depois a pessoa podia estar nas Avenidas Novas ou na Avenida de Roma mas “Ah...estás de vestido de azul...Vais dentro!” Nesse dia houve uma senhora que morreu num 5º andar da Rua da Prata porque estava à janela e apanhou com uma bala perdida...” (Amélia Teixeira Prata)

“ Desde miúda que a minha mãe me dizia: “Não apanhes panfletos!” Era panfletos por tudo quanto era sítio... Eu lembro-me que fiz a comunhão solene em 1961. Foi depois do Humberto Delgado e andava tudo em polvorosa e era panfletos por todo o lado... Em 1961 foi uma coisa...foi muito sério... O pai da minha cunhada, que era de Beja, da Cabeça Gorda, tinha umas herdades e foi um homem que nunca separou os trabalhadores dos patrões. Comiam todos na mesma casa. Ele já estava referenciado pela PIDE. Há um dia em que há umas eleições – não me recordo que tipo de eleição era – e ele tinha a GNR à porta e foi levado para a António Maria Cardoso, onde esteve preso... Um homem que agora teria os seus 90 anos e que tinha o 7º ano... nunca mais teve emprego de jeito...” **(Amélia Teixeira)**

“Quando chegou o Humberto Delgado, o meu cunhado foi esperá-lo a Sta. Apolónia e quando chegou a casa tinha as costas cheias de vergões porque a polícia começou a bater e ele apanhou imensa pancada...” **(Amélia Teixeira)**

“Trouxe aqui o registo que uma colega assinou: ‘Declaro por minha honra que estou integrada na ordem social estabelecida pela Constituição Política de 1933, com activo repúdio do comunismo e de todas as ideias subversivas.’ Era obrigatório assinar isto para se ser funcionário público.” **(Amélia Teixeira)**

Estado Novo – A condição da mulher

“Tive um casamento difícil. Casei na altura em que no Código Civil a mulher era propriedade do homem e isso só desaparece depois do 25 de Abril, quando o Salgado Zenha introduz alterações ao Código Civil. A mulher não tinha conta bancária, a mulher não podia sair do país sem autorização do marido. A mulher era propriedade. Caso com aquele Código Civil e numa Igreja para a qual o casamento não se dissolve, é para toda a vida...E quando as coisas não correm bem... E tive de arregaçar as mangas.

Tive de ficar com um miúdo muito pequenino, com meses, tive de ficar com a minha mãe e tive de me fazer à vida. Eu sei o quanto custa a vida, o quanto é difícil. Naquela altura uma mulher que era abandonada pelo marido era uma mulher que se portava mal. Havia esse estigma. E eu pensei...ou saltas o muro e andas para a frente ou ficas deste lado e és infeliz toda a vida. E como sempre me tinha habituado a saltar muros e ir à luta, foi o que fiz. E o testemunho de uma mãe lutadora, que leva as coisas para a frente é a melhor coisa que a gente pode dar a um filho. São ferramentas para a vida estes testemunhos de força e coragem.” (Aline Bettencourt)

“Havia a noção de um rapaz tem liberdade para tudo e uma rapariga não tem. O meu irmão tinha menos 7 anos do que eu e tinha a chave de casa. Eu não tinha. Mesmo quando já estava na faculdade, depois de chegar a casa já não podia sair. Acabávamos

por recorrer à mentira para contornar a situação... Se queria sair, não entrava em casa, ficava no café, ficava ali a passear.” **(Ana Paula Torres)**

“Eu queria ir para enfermeira e fui ter com o Dr. Monteiro, um dos médicos de Paço de Arcos. Era muito bom médico e quase não levava dinheiro. Fui pedir-lhe para preencher um papel que era obrigatório e ele quando viu aquilo chamou a governanta, pediu-lhe que chamasse imediatamente a minha mãe e disse-lhe: “Não preencho isto!” Uma menina não vai para enfermeira!” E por mais que eu chorasse a minha mãe disse-me sempre que não.” **(Clotilde Moreira)**

25 de Abril – a festa

“O dia 25 de Abril foi um dia de euforia mas também de expectativa... Não se sabia o que é a coisa ia dar. Parecia ser muito bom... Parecia ser bom demais. O meu pai levou-nos para Cascais para casa de uns amigos e estivemos à espera das notícias, da rádio e da televisão, até aparecer o célebre comunicado do grupo de militares que tinha o Spínola como porta-voz. No dia 26 lá rumo eu à Baixa e a Baixa estava cheia de chaimites, cheia de gente e era uma festa!” **(Paulo Gameiro)**

“No dia 25 de Abril o meu pai fechou-me em casa à chave. Tinha tanto medo que eu me metesse debaixo de um tanque que me fechou à chave para me proteger. Eu nunca lhe perdoei porque achava que tinha de ter andado na rua e tinha de ter estado no Largo do Carmo... No dia 26 foi o dia inteiro de apoteose de liberdade. Andámos o dia inteiro pela cidade em manifestações permanentes e a gritar “Viva isto! Viva aquilo! Abaixo aquilo! Abaixo aqueloutro!” Foi um dia de apoteose fantástico! Acho nunca vivei a liberdade de uma maneira tão forte como naquele dia!” **(Ana Paula Torres)**



“A grande diferença para mim foi a liberdade de expressão. Dantes não falávamos tão pouco. No meu caso não era só o ser proibido. Não se falava. As pessoas tinham medo. Depois, de repente, há um mundo que se abre para mim, para pessoas como eu... Porque havia tantas coisas que estavam escondidas e de repente há um mundo que se abre. Podermo-nos expressar, podermos ver as coisas de várias perspectivas. Foi muito importante.” **(Maria Sam Pedro)**

“Fui para Inglaterra quando casei e foi um choque civilizacional. Estava a conhecer a sociedade do empacotamento e sentia-me antiga. No dia 25 de Abril toda a gente me dava os Parabéns. Estavam contentes e davam-me os parabéns e diziam ‘que maravilha o que aconteceu em Portugal!’ Meti-me num avião para Lisboa, que vinha praticamente vazio. Vinha um senhor que não sei quem era e lembro-me dos comissários de bordo cheios de deferências e ele muito carrancudo, a perguntar como é que estavam as coisas. E um disse-lhe: “Em sua casa prenderam um chofer, um jardineiro... Foi um saneamento!” Nunca soube quem era aquele homem. Cheguei a Lisboa ao mesmo tempo que o Manuel Alegre e meti-me no táxi e ia a ouvir as notícias da Junta de Salvação Nacional, que diziam: “Fica a valer como lei...isto e isto. Fica a valer como lei isto e aquilo... E a seguir disseram: “Hoje estreia no cinema Império o filme “O Couraçado Potemkin” de Eisenstein...” E eu chorei, chorei, chorei...” **(Helena Abreu)**



Do amor e outras histórias de vida



“ (...)

Sento-me ao lado das coisas

E bordo toda a noite a minha vida

Aqueles dias tecidos

Que tinham um ar de fantasia

Quando vieram brincar dentro de mim.

E o vento contra as janelas

Faz-me pensar que eu talvez seja um pássaro.”

Sophia de Mello Breyner Andresen – excerto do poema Vento in Coral. Lisboa: Assírio & Alvim, 2013.

“Nasci num concelho que tem essa beleza de ter um rio que se faz oceano”

“A felicidade não é abstracta. A felicidade não é a grande felicidade. A felicidade é a das pequenas coisas... E ao dizer isto parece que foi tudo muito fácil... Não foi... Eu tive momentos na vida muito duros. Mas sinto-me uma mulher feliz. Aprendi a ter os meus escapes. Todos temos de ter escapes. Chamemos-lhes bengalas, receitas, hobbies. Não podemos é ter uma fixação porque se se vai ficamos sem nada... Eu gosto muito de andar... Arrumo as minhas gavetinhas a andar a pé. Se tenho algum problema, andar a pé ajuda-me. Ando muito. No campo e junto à praia. O elemento água para mim é imprescindível. Traz-me uma serenidade enorme. O Tejo, este rio que se transforma em mar...este entrosamento de um rio que, às tantas, deixa de ser rio e se transforma numa coisa maior...Gostava que a minha vida fosse assim e que um dia desaguasse e não se desse por ela e ela se fundisse numa coisa maior...Esta coisa extraordinária de ter nascido num concelho que tem essa beleza de ter um rio que vem desaguar e se faz oceano não foi por acaso, com certeza...” **(Aline Bettencourt)**

“Sou feio mas tenho a alma nobre”

“Eu tinha 14 anos e andava na Escola Industrial Fonseca Benevides. Estávamos em 1947 na altura do Natal e eu tive de regressar à escola para buscar um chapéu-de-chuva que me tinha esquecido. Quando saí da escola estava uma grande roda de estudantes, todos de capa e batina, à porta da escola. E eu vinha com uma colega minha, de chapéu já aberto e de soquetes. Íamos de Santos ao Cais do Sodré para tomar o comboio e a meio do caminho reparo que vem uma capa atrás de mim. Olhei para trás e vi que era um rapaz e vinha acompanhado. Eram dois rapazes e vinham a dar piropos. E quando olho, voltei-me para a minha amiga e disse: “Ai, é tão feio!” E tive resposta: “Sou feio mas de alma nobre!” E eu nada... Apanhei o comboio para Algés e partir desse dia começou o flirt e depois começámos a namorar. Eu tinha 14 anos e ele tinha quase 20. Apanhei duas grandessíssimas tareias do meu pai porque os meus pais não consentiam. Mas eu insisti, insisti... E quando fiz 18 anos ele já estava formado. Casámos. Era a bonita feia e o feio bonito.” **(Salete Sequeira)**

“É isto que eu quero fazer toda a vida!”

“Quando estava no 2º ano da faculdade e interrompi os estudos para participar no momento que estávamos a viver, pensei: “Vou concorrer para professora...” Era a última coisa que eu gostava de ser. Só de pensar no que nós fazíamos aos professores... os gozos e não sei quê... Mas, para sobreviver tinha de arranjar um ordenado um bocado maior daquele que ganhava com as explicações. Arranjei uma lista telefónica, comprei uma série de envelopes e selos e escrevi cartas para todas as escolas do país

a dizer que estava no 2º ano da faculdade e andava à procura de emprego. Gastei uma fortuna em selos...Nisto, telefonam-me do centro de Lisboa, da Veiga Beirão, uma escola comercial só de rapazes que ficava no Largo do Carmo e que já não existe. E na primeira aula, eu que era revolucionária e ia dar aulas história, achei que devia começar por apresentar a minha perspectiva da história... Para miúdos do 9º ano... Hoje não me passaria pela cabeça... E então comecei a apresentar o materialismo histórico, a evolução dos modos de produção e escrevia no quadro aquilo tudo... Até que começo a perceber que eles não escreviam nada, só estavam a olhar para mim. E eu acabo de escrever aquelas coisas todas e diz-me um assim: “Professora, esta não é a sua primeira aula? Então por que é que em vez de estar a escrever essas coisas não fala connosco?” E então pousei o giz e comecei a falar com eles. E no final eu disse: “É isto que eu quero fazer toda a vida!” **(Ana Paula Torres)**

Kennedy, a chegada do homem à lua, as cheias de 1967 e a morte de Salazar

“Houve acontecimentos que me marcaram muito na adolescência. Um deles foi a morte do Kennedy. Eu tinha 11 anos e ele foi assassinado no dia a seguir aos meus anos. Faço anos a 21 de Novembro e ele é assassinado no dia 22. Penso que em 1963. Depois a chegada do Homem à lua. Lembro-me de estar com o meu irmão na sala a comer bolachas enquanto assistíamos a tudo o que se passou. E também me lembro muito bem das Cheias de 1967 porque um amigo contou-me que ficou cercado de água por todo o lado e só teve tempo de agarrar no filho e fugir. E lembro-me bem da morte do Salazar. Eu vivia na Padre Manuel da Nóbrega, ao pé do Areeiro e o comboio que levava o corpo para Santa Comba Dão passa por ali. E lembro-me das pessoas na rua e à janela para o ver passar.” **(Ana Paula Torres)**

“A pedrinha da calçada é muito mais importante para as pessoas...”

“Foi sobretudo quando vim para casa reformada, em 1994, que comecei a fazer coisas de uma forma regular. Comecei a fazer listas de coisas que estavam mal aqui em Algés. Resolvi fazer o levantamento dos buracos todos que havia. Todos os dias me levantava, anotava e depois enviava para a Câmara. Na rua tal existem buracos ao pé do prédio tal e da loja tal e faltam 4 pedras ou 6 ou 9, o que fosse... O meu marido não achava muito bem que eu tivesse esta actividade. Dizia: “Se eu sou autarca, não fica bem!” E eu pensei e disse-lhe: Tenho o nome grande, corto parte, não assino Moreira, assino Almeida. Depois do levantamento dos buracos, fiz o levantamento das árvores que precisavam de ser tratadas. Um dia um Vereador telefonou-me para casa, para me explicar como funcionavam as coisas e eu disse-lhe: “Desculpe-me mas não posso calar-me! Digo a verdade.” Só quando o meu marido morreu é que este Vereador percebeu quem eu era. O meu marido foi autarca desde 1974. Primeiro foi chamado para a Comissão Ad-

ministrativa, com o Pedroso, com essa malta toda. Depois estive na Câmara até 1998 e a seguir na Assembleia Municipal. Depois dele falecer é que eu disse: “Agora faço o que quero!” Tínhamos as tarefas divididas em casa e eu tinha a casa e a educação da filha, tudo bem... Mas dei o grito do Ipiranga! E então comecei a ir a todas as Assembleias, a todas as reuniões públicas e a levar os assuntos que eu achava importantes. Comecei a escrever para os jornais, mais do que escrevia até então. Primeiro para a Costa do Sol e depois para o Jornal de Oeiras. Pediram-me um texto de 15 em 15 dias e podia escrever sobre o que quisesse. E tenho sempre a máquina fotográfica comigo. Foi-me oferecida pelos meus netos. Agora envio as fotografias por e-mail. Passo a vida a enviar coisas para a Câmara e para a Junta.

Nunca me deixei entusiasmar pelas grandes obras, os grandes projectos... Eu achei sempre que muitas vezes a pedrinha da calçada é muito mais importante para as pessoas.” **(Clotilde Moreira)**

Adam, o meu filho cubano ou a história de amor mais bonita da minha vida

“Em 1995 fui com uma amiga a Cuba. Andávamos a passear em Trinidad, que é uma cidade lindíssima, e os miúdos andavam sempre atrás de nós. Não pediam dinheiro. Pediam chocolates, canetas, coisas assim... Cada uma de nós andava com 2 ou 3 miúdos atrás. Um dos miúdos que andava atrás de mim chamava-se Adam e gostava muito de história e eu contava-lhe coisas da história de Portugal e ele da história de Cuba. Quando chegámos à camioneta, eu já só tinha uma bola. Tinha distribuído uns carrinhos e canetas por todos e só tinha aquela bola pequenina e eles eram dois. E disse-lhes: “Só tenho uma bola e vocês são dois...O que é que querem que eu faça?” E o Adam disse: “Podes dar a bola ao outro. Eu só quero ser teu amigo.” Aquilo sensibilizou-me. Pedi-lhes a morada e prometi-lhes que quando chegasse a Portugal escreveria um postal a cada um. E escrevi. E o Adam responde-me com uma carta lindíssima, com muitas metáforas... E fomo-nos correspondendo sempre, durante anos. Um dia a mãe escreve-me dizendo que ele ia fazer anos e que ficaria muito contente se recebesse um telefonema meu. Deu-me o número de um vizinho e disse-me para ligar no dia tal às tantas horas e eu liguei. E a partir daí estreitou-se uma relação que já faz 20 anos, entre mim, o Adam e a família. Eu já estive em Cuba na casa dos pais dele e ele já esteve 3 vezes em Portugal. Eu costumo dizer que há a Casa Branca, de Washington, a Casa de Vidro dos arquitectos e a Casa Aberta do Rolando e da Maria Helena, que são os pais do Adam. Aberta à própria natureza porque a sala desemboca num pátio ao ar livre e a cozinha dá para um quintal. Aberta às pessoas. Qualquer pessoa que tenha um problema entra naquela casa e tem um lugar onde ficar. Nunca tive gestos de tanta humanidade como no tempo em que lá estive. O Adam estudou e formou-se em Engenharia Mecânica. Incentivei-o a fazê-lo e a tornar-se um quadro do seu país. Agora volto eu lá. Vou ficar 3 semanas e passo lá os meus anos. Acho que ele está a preparar-me uma grande festa. Esta é a história de amor mais bonita da minha vida.” **(Ana Paula Torres)**

O Natal existe mesmo

“O meu pai morre em 1944 e quando se aproximou o Natal, a minha mãe chamou-nos e disse que não íamos ter prendas. Tínhamos tido sempre prendas pequenas porque a família do meu pai, embora pudesse, não ajudava porque não concordava com aquele casamento. Naquela altura a Igreja dava umas senhas que podíamos trocar por um brinquedo. E eu, a minha irmã e minha avó fomos à Igreja de Paço de Arcos. Estávamos quase a chegar quando dei pela falta das senhas e tive de voltar a casa. E quando vou a sair, passo pela cozinha e a minha mãe estava em êxtase. Em cima do fogão de lenha estava um papel colorido e muitos brinquedinhos. E diz a minha mãe: “Ah...caíram agora! Não se diz nada a ninguém!” E eu fui a correr para a Igreja e aquilo passou. Na noite de Natal, quando voltámos da Missa do Galo vimos aqueles brinquedos e brincámos muito. E eu no Colégio comecei a contar esta história. E dizia: “O Natal existe mesmo! No Natal caíem os brinquedos. Eu sei, eu vi! Tenho a certeza!” Ficavam a olhar para mim e um dia disseram: “Ó Clotilde, deixa-te disso! Tens cada uma!” E eu em casa perguntei à minha mãe e ela explicou que a Adrianinha e a Lurdinhas, umas meninas já mais crescidas que moravam por baixo de nós, quando souberam que não íamos ter prendas pegaram nos brinquedos delas e deram-nos. E então eu pensei: “Está bem... Não há Natal como eu pensei mas há solidariedade, que é a mesma coisa!” **(Clotilde Moreira)**

Os lugares da minha identidade

“Eu sou do sítio onde estão as pessoas de quem gosto. Agora, posso dizer que há lugares que tornam isso possível. Quando fui fazer o serviço militar para Portalegre, a minha entrada na tertúlia com o José Régio é um momento decisivo para eu depois descobrir outras coisas de Portalegre.

Eu e o meu irmão eramos filhos de duas pessoas rurais. O meu pai de Oleiros, na zona de Castelo Branco, a minha mãe do Douro. Ambos perderam os pais na adolescência e pouco a pouco percebi a desgraça que é isto no mundo rural, onde são os homens que organizam as tarefas e se são irmãos mais novos os bens não lhes podiam ser entregues e as mulheres faziam todo o trabalho da casa... Os meus pais vieram para Lisboa separadamente. O meu pai para o serviço militar, a minha mãe veio para trabalhar numa casa. Esse meio rural é que é a minha primeira identidade. Há um ambiente rural que sempre me tocou e ainda muito mais quando passávamos férias em casa da família do meu pai. A casa onde a minha mãe trabalhava era de uma burguesia que tinha naquela altura uma atitude engraçada, que lembra outras coisas, talvez da Idade Média. Viam os empregados uma espécie de segundas pessoas da família. Há uma relação útil, de um lado e do outro mas há também uma relação afectiva. Desde muito pequenos que acharam que deviam dar-me, a mim e ao meu irmão, uma educação

mais erudita. Propuseram que fossemos viver para o palácio, em Belém, porque saíam muito. Li o Júlio Verne todo, muitos dos clássicos e ia as óperas. São vários os lugares da minha identidade. Ou melhor, tenho várias identidades. As origens rurais, passando por essa cultura mais erudita, Algés, que sempre me marcou, desde a juventude, Portalegre, Aveiro e a universidade, a quem doei grande parte da minha coleção de cartazes e vidros.” **(Madeira Luís)**

E assim nasceram os jardins dos gatos

“Eu estava a dar aulas na Escola Vieira da Silva e comecei a aperceber-me da quantidade de lixo que havia nas traseiras da escola, ao pé do campo de jogos. Os canteiros não estavam tratados e acumulava-se ali muito lixo: beatas, plásticos, papéis. Tínhamos na altura a área de projecto e eu resolvi começar a ajardinar tudo aquilo. Pensei nos gatos, por precisarem de menos cuidados e durarem muito. Falei com um arquitecto da câmara que me sugeriu que estivesse atenta às coisas que as pessoas deixavam à porta de casa e a partir daí comecei à caça dos gatos. A maior parte fui encontrando no lixo, como ele me tinha dito. Outras vezes pedia às pessoas para me darem um pé. Dava voltas pelo concelho de carro à procura dos gatos deitados ao lixo. E assim se fez um lindo jardim na escola, com muitas espécies de gatos, que os alunos ajudaram a plantar, depois de termos arranjado os canteiros e pintado vasos, com a ajuda da professora de Educação Visual. Em Ciências, os alunos fizeram um herbário com as espécies existentes na escola. Recolhi tantos gatos que comecei a plantá-los também no jardim da minha casa. Hoje tenho mais de 200 espécies, a maior parte recolhida no lixo. Entretanto, visitei a Estufa Fria para conhecer mais espécies e encontrei lá um conterrâneo de Gafte. Reconhecemo-nos pela pronúncia. E agora fazemos intercâmbio. Já tenho dado alguns gatos para a Estufa Quente e eles também me dão a mim.” **(Maria Sam Pedro)**

‘Se não é boi é baca, se não é baca é boi’ – Trás-os-Montes, anos 60

“Aquele curso do Românicas era muito bom. Era o Luís Miguel Cintra, era o Júdice, a Eduarda Dionísio, o Eduardo Prado Coelho, o Manuel Gusmão, o Ruy Belo... Era uma geração de ouro. E com professores extraordinários. O Lindley Cintra, o Padre Manuel Antunes, a Belchior, o David Mourão-Ferreira, o Jacinto Prado Coelho...

O Lindley Cintra fazia muitas excursões. Fomos à Arrábida, a Santarém e depois começou a fazer excursões a Trás-os-Montes para estudarmos as dialectais. Íamos 10 dias para Trás-os-Montes fazer recolhas e era muito interessante, era apaixonante... Numa dessas excursões dialectais fomos para Sendim, perto de Miranda do Douro, na altura uma aldeia absolutamente primitiva, com algumas casas ainda em colmo. Lembro-me

que a professora primária, que era uma daquelas agentes escolares com a 4ª classe, se é que a tinha, fugia de nós. Parecia um bicho, era impressionante. E em Sendim acontece esta história absolutamente trágica que eu jamais esqueci e que contei ao António Tabucchi, e que vai ser publicada numa revista literária. O Cintra estava mal disposto, acordou mal disposto. Chegámos a Sendim e tínhamos arranjado duas velhas para fazerem as entrevistas que estavam no salão Paroquial à nossa espera. E o Cintra estava furioso porque as senhoras eram desdentadas e sendo desdentadas não diziam bem as dentais, como é óbvio... Era daqueles dias em que corre tudo mal... Estava toda a gente mal disposta. E, pronto, lá começámos com aquela história “Se não é boi, é baca, se não é baca é boi”. Estávamos naquilo e, de repente, começa a aldeia toda aos gritos... As mulheres vinham pelas ruas e guinchavam de uma maneira impressionante... Foi uma coisa assim de tragédia grega mas real. A maior expressão de dor colectiva a que assisti na minha vida. E o que era? Tinha chegado um telegrama a dizer que um soldado tinha morrido na guerra. Foi impressionante. Parecia aquela coisa das carpideiras... E o Cintra continuava: ‘Se não é boi é baca, se não é baca é boi’. E a velha continuava toda contente por estar a ser entrevistada pelos senhores doutores. E nós todos muito mal dispostos, com aquele drama e aquilo tudo, com a porcaria da filologia... Lembram-se daquela frase da Cantora Careca: “A filologia conduz ao pior”? Às vezes a filologia conduz mesmo ao pior... Foi uma cena absolutamente terrível. Eu lembro-me que fui chorar para trás da Igreja, outros foram não sei para onde, alguns ficaram estarecidos e imóveis... Foi uma história que nos marcou muitíssimo. Era assim o Portugal dos anos 60.” **(Helena Abreu)**

“Quando houver falta de maqueiros, chamem-me!”

“Fui a única mulher presidente de uma associação de bombeiros. Eram 130 bombeiros e uma direcção só de homens. E os homens não gostam nada de ter uma mulher que seja mais do que eles. O meu problema não era com os bombeiros, era com os directores. Nunca tinha sentido tanto como ali a discriminação entre homens e mulheres. E tive de ter muito engenho e arte para manter uma direcção de homens. Deixei que pensassem que mandavam e foi assim que se aguentou a direcção. Entretanto, comecei a pensar...Se eu sou a presidente dos bombeiros, quando tocar a sirene eu tenho de poder ir, eu tenho de tirar o curso de maqueira. E fui. E depois disse-lhes: Quando houver falta de maqueiros e eu estiver lá em cima, chamem-me!” E eles ficaram a olhar uns para os outros, desacreditados. Até que um dia em que havia falta de pessoal, toca a campainha e eu oiço: “Senhora Presidente, desça! Vai fazer de maqueira e vai para um acidente!” Era um acidente na Marginal e eu entro na ambulância e o motorista diz-me assim: “Não sei se sabe que eu agora sou o seu padrinho! É o seu banho como maqueira!” E eu a recapitular tudo quanto me tinham ensinado e a pensar no que iria aparecer-me pela frente. Aquilo correu menos mal e eu portei-me bem. O rapaz achou que sim.” **(Aline Bettencourt)**

Coração amarelo

“Há muitos anos que o Concelho tem a preocupação de trabalhar com as pessoas idosas e tem feito um excelente trabalho nesse domínio. Muito antes desta tomada de consciência mais alargada de que os idosos iam ser uma faixa etária de peso e que iria ser preciso trabalhar nesta área, a Câmara já tinha os fins-de-semana com a INATEL, os programas de alimentação saudável, os programas de ginástica com o Mexa-se. Em 2000 aparece em Lisboa um programa apostado no combate à solidão e as mentoras são convidadas para vir dar uma palestra a Oeiras. A Câmara considera que é um óptimo projecto para complementar aquilo que já existe e o Presidente, Dr. Isaltino, traz o projecto para Oeiras e convida 4 pessoas para a sua dinamização. Eu fui uma dessas pessoas. Como não estava muito familiarizada com a faixa etária, fui tirar psicogerontologia. Ainda se mal se ouvia falar da palavra. Desde 2003 que trabalho no Coração Amarelo e o projecto tem sido bem sucedido porque há um trabalho em rede na área social que funciona muito bem. Aprendi há muito tempo que ninguém pode trabalhar sozinha. As equipas e as redes são essenciais. Já ultrapassámos os 100 voluntários e fizemos um caminho muito rico em experiências. As pessoas são únicas e merecem-nos todo o respeito. Não vamos alterar feitos nem maneiras de ser e às vezes é difícil porque nem todos os velhos são simpáticos e acessíveis. Às vezes são casmurros e teimosos. E há pessoas que chegam ao fim da vida sozinhas porque não souberam fazer amizades, não souberam ser tolerantes com os outros e vão aprender a ser amigos de uma pessoa que lhes aparece, de um voluntário, que é o único amigo que têm. Às vezes temos de ir até ao fim da linha, isto é, temos de identificar o corpo, fazer o funeral. E não se pode ligar solidão à pobreza. A solidão é transversal. E hoje os estudos dizem-nos que vai haver solidão mais cedo, que a solidão vai ser um problema precoce. Sabe-se que uma criança a quem se dá de comer mas não se dá afago, pode morrer de solidão, de falta de afectividade. Como os velhos. É este mundo dos afectos que o Coração Amarelo pretende trazer, embora haja que atender também ao resto. Não podemos ir falar com uma pessoa e saber que pessoa só tem um pacote de bolachas para comer. Porque sabemos que acontece. Que há pessoas a viver com reformas de 300 € ou menos, há pessoas que nem isso têm. Não pode ser. Não é possível. Temos gente muito velha, muito doente e muito só...no fio da navalha...pessoas com muitas carências. Que precisam ser tratadas com dignidade. E precisam de olhar olhos nos olhos, precisam do toque, de um aperto de mão, de uma festa na cabeça, de um carinho.” **(Aline Bettencourt)**

Epílogo

Do projecto *Histórias de Vida*

“Recordei episódios que já nem lembrava e troquei ideias com outros elementos do grupo. Partilhámos todos diversas experiências das nossas vidas. Para além de tudo isso, fizemos amizades, e pode ter sido o ponto de partida para novos projectos no futuro. Gostei muito.” (Maria Amélia Teixeira)

“Fomos convidados para a tarefa mais difícil, a de falarmos de nós próprios. (...) A re-visitamos os espaços da infância, da adolescência e da idade adulta. A expor os receios do presente que ainda está por vir.

De sessão em sessão, ora tateando ora com audácia, lá fomos conseguindo contar o que fomos e aquilo em que nos tornámos. Nos outros que nos ouviam soubemos sempre encontrar o incentivo de um olhar, o interesse de uma expressão ou o sorriso divertido que nos acompanha. Criámos laços de afeto e de amizade que nos uniram e que partilhámos com a Ana Isabel e a Maria João, as dinamizadoras do projeto que, para além da inteligência em saber gerir um coletivo com pessoas tão diferenciadas, nos tratavam com uma delicadeza e sensibilidade que nos faziam sentir acolhidas e que conferiam dignidade às narrativas das nossas vidas.

Em junho, terminamos a primeira parte do projeto histórias de vida, mas a verdade é que só agora começámos. Criámos uma dinâmica nova, pronta para a descoberta. Anima-nos o entusiasmo de nos voltarmos a juntar para continuar na demanda do que fomos para melhor podermos compreender quem somos.

Histórias de vida foi o meu O Século do Povo. No contexto do meu país e do meu concelho, eu vivi e fui testemunha.” (Ana Paula Torres)

“Percorremos terras, lugares, tempos idos; foi muito enriquecedor este envolvimento de todos. Verdadeiros momentos empáticos, em que no final voltávamos “à Terra” com um sentimento de fazermos parte de uma família mais alargada. De salientar um denominador comum, a freguesia, o concelho. Ouvi com redobrado interesse como era a minha terra nos anos quarenta ou cinquenta, do século passado. Trocou-se experiências, expectativas, anseios, alegrias e tristezas. Mas, sobretudo, vidas...vividitas...” (Paulo Gameiro)

“Para mim as recordações/memórias são os alicerces da vida e colaborar num registo para que outros possam comparar o que em épocas passadas aconteceu e como agora está a acontecer foi um agradável desafio.

(...) E também neste projecto registei o que se foi perdendo e associei-me aos registos reclamados de outros.

Espero que estes registos sejam uma lufada de luar para todos os que quiserem saber como foi...” (Clotilde Moreira)

“Pensando a minha história de vida, agora que tenho 70 anos, estou consciente que fui mais espectadora analítica do que interveniente nos acontecimentos. Tenho, todavia, uma grande memória de factos vividos, o que espanta as pessoas que os viveram comigo. Essa atenção ao quotidiano, esse vivenciar intensamente os acontecimentos, reelaborá-los, mastigá-los interiormente, faz com que eles fiquem no armazém da memória, por vezes com pormenores pitorescos. É claro que toda a narrativa implica uma reelaboração e um encaixar em qualquer puzzle interior. Embora esteja consciente desse aspecto, acho que a circunstancialidade das nossas histórias de grupo pode ser um contributo mínimo para a grande História, ou quanto muito, e com mais modéstia, para a História local.” (Helena Abreu)

“Foram reuniões em que nos sentimos livres, descontraídos e sem olhares de reprovação que nos embaçassem e onde a sala da biblioteca (biblioteca a funcionar num bonito edifício antigo e cheio de história) se tornou palco da partilha de recordações, com a diversidade de experiências e emoções que não se esquecem e que ficaram para sempre gravadas na memória. “ (Maria Sam Pedro)

PARTICIPANTES



Aline Bettencourt



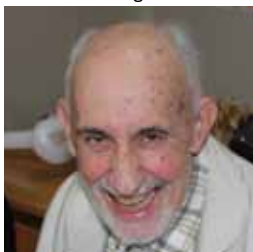
Ana Paula Teixeira Torres



Aurélio Figueiredo



Clotilde Almeida Moreira



Francisco Madeira Luís



Helena Vieira de Abreu



Maria Amélia Teixeira



Maria Sam Pedro Marques



Paulo Gameiro Neves



Salette Cerqueira

ÍNDICE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: António Passaporte - Paço de Arcos: Rua Costa Pinto, 1949

Fotografia 2: António Passaporte – Paço de Arcos: Marginal e Praia da Sardinha, 1959

Fotografia 3: António Passaporte – Algés: Praia, a hora do banho, 1959

Fotografia 4: António Passaporte – Liceu de Oeiras, 1959

Fotografia 5: António Passaporte – Paço de Arcos: Av. Marquês de Pombal e Monumento de homenagem ao Patrão Joaquim Lopes, 1960

Fotografia 6: António Passaporte – Paço de Arcos: vista panorâmica, 1959

Fotografia 7: Censura – Relatório nº 6408 (14 de Novembro de 1959) relativo a “Privilèges” de Simone de Beauvoir in Ephemera – Biblioteca e Arquivo de José Pacheco Pereira, disponível em [URL: <http://ephemerajpp.com>]

Fotografia 8: : Mário Varela Gomes - População e militares durante o cerco ao Quartel do Carmo, 25 de Abril de 1974. Fotografia 9: Denis Bocquet, 18 de Maio de 2013

Fotografia 10: Carlos Santos e Maria do Carmo Montana - Pormenor da Praça Quadrada no Parque dos Poetas, 2007

